

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Agosto - 2019
Ano LXX - Nº 6
R\$ 6,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00



Ler em grupo

Iniciativas reúnem escritores veteranos e novatos com o propósito de estimular novos autores, encontrar meios para divulgar obras e consolidar a literatura paraibana atual

GIRA mundo



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

Os destinos do Gira-mundo



2010

50 estudantes - Canadá
3 professores - Canadá
20 professores - Finlândia

2017

50 estudantes - Canadá
25 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
55 Professores - Finlândia

Próximo destino:

100 estudantes - Canadá
50 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
25 estudantes - Argentina
80 professores - Finlândia
20 professores - Israel



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



A união faz o escritor

É de praxe dizer que o ato da escrita é um ato solitário, no qual o escritor se isola do mundo real para mergulhar, de corpo e alma, no mundo da obra. Mas o escritor, o poeta, o contista, o romancista pode nascer a partir de um encontro, de uma reunião, de um ato coletivo. É este nascimento que William Costa investiga na matéria de capa da edição deste mês, após ouvir diversos escritores e procurar entender a participação de grupos e projetos no fazer literário.

A Paraíba está repleta de coletivos que unem autores veteranos e novatos, consagrados e aspirantes, tudo junto e misturado com o propósito de traçar novos caminhos, formar tanto público, como autores, e criar meios de escoar uma produção que não cessa.

Da Geração 59, passando pelos grupos Sanhauá, Caravela e Caixa Baixa e chegando ao Clube do Conto e ao recém-criado Projeto Iaras, a reportagem procura revelar como funcio-

O texto de William Costa procura revelar como funcionam os encontros voltados à literatura e que objetivos específicos eles procuram atingir.

De quebra, a edição deste mês marca a estreia de 'Última Página', que irá colocar em evidência um artista visual, a partir de uma obra que iremos publicar todos os meses. Estreamos com uma prata da casa, Tônio, que vem ilustrando o Correio das Artes há 40 anos.

nam os encontros voltados à literatura e que objetivos específicos eles procuram atingir, seja na literatura paraibana, nas prateleiras das livrarias ou nas estantes virtuais, afinal nos dias de hoje, o encontro presencial, muitas vezes, começa com uma postagem na rede social.

De quebra, a edição deste mês marca a estreia de 'Última Página', que irá colocar em evidência um artista visual, a partir de uma obra que iremos publicar todos os meses. Estreamos com uma prata da casa, Tônio, que vem ilustrando o Correio das Artes há 40 anos.

E por falar em estreia, a edição que você tem em mãos traz, pela primeira vez, um texto da premiada escritora Débora Ferraz, vencedora dos prêmios Sesc e São Paulo de Literatura, ambos pelo romance Enquanto Deus Não Está Olhando, lançado pela Record. Ela assina o conto 'No fim'.

O editor

editor.correiodasartes@gmail.com

♦ índice



FLIBO

A Festa Literária de Boqueirão chega, agora em setembro, a sua 10ª edição, movimentando escritores e leitores no interior da Paraíba.



TEATRO

Especialista e neta do escritor Ariano Suassuna, Ester Suassuna aborda o espetáculo 'Suassuna - O Auto do Reino do Sol'.



PRIMEIRA PESSOA

Poeta, contista, crítico literário e cronista, Fernando Py fala de sua produção em depoimento exclusivo a Sérgio de Castro Pinto.



ARTES VISUAIS

Este número marca a estreia da página 'Galeria da Arte' com uma obra do artista Tônio; a cada edição, a obra de um artista diferente.



OUVIDORIA:
99143-6762



Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Maria Eduarda dos Santos Figueiredo
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Phelipe Caldas
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

André Cananéa
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

Grupos literários

A ARTE DE CRIAR ARTE, APERFEIÇOAR-SE E UNIR FORÇAS CONTRA OS PRECONCEITOS

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



“

Acho que de fato somos felizmente muito diferentes, porém nas últimas décadas temos uma série de contatos, de raízes, de vias de comunicação, de osmose, que nos assemelham e aproximam extraordinariamente.

(Julio Cortázar, Aulas de Literatura)

Clube do Conto, criado em 2004 em João Pessoa: um dos grupos mais longevos do país reúne grandes nomes e iniciantes no mesmo patamar

William Costa

wpcosta.2007@gmail.com

Associações formais ou informais de poetas e escritores não são novidades. A história está repleta desses encontros, que vêm se conformando e se dissolvendo, pelos mais variados motivos, ao longo do tempo, em praticamente todos os países. Acontece, às vezes, por exemplo, de uma geração de criadores ser enquadrada em um mesmo rótulo, pelo fato de comungar ideais estéticos e políticos, ou seja, maneiras quase idênticas de ser e estar no mundo.

Homens e mulheres da literatura, via de regra, gostam de se reunir em grupos, seja para rodas de leitura crítica do que escrevem, seja para unir forças contra as formas de discriminação das quais se consideram alvos. Batem-se, por exemplo, contra o *establisment* literário, formado por editoras, livrarias, academias e meios de comunicação, que se por um lado os ignoram, por outro excedem-se nos elogios àquelas pessoas que consideram musas de carne e osso.

Na primeira metade do século 20, nas Américas e na Europa, grupos de escritores e poetas boêmios fizeram a festa. O norte-americano Ernest Hemingway, o argentino Julio Cortázar, o colombiano Gabriel García Márquez, os britânicos J. R. R. Tolkien e Virgínia Woolf, o irlandês C. S. Lewis, enfim, são incontáveis os autores e autoras (na verdade, mais eles do que elas) que protagonizaram memoráveis grupos literários pelo mundo afora.

A Paraíba também é berço de gerações (59) e grupos (Sanhauá e Caravela). O Clube do Conto é uma forte expressão da contemporaneidade, assim como o Grupo Caixa Baixa também deu o seu recado em tom maior. Já as revistas de literatura, como as atuais *Malembe* e *Boca Escancarada*, são pontos de encontro de autoras e autores da nova geração paraibana. Com a internet, os grupos literários



▶ multiplicaram-se, inclusive pela forte dinâmica da interatividade.

A escritora paulista Maria Valéria Rezende disse que, por não ter institucionalidade, o Clube do Conto, criado em 2004, existe sempre. “Está no espírito de quem dele participa, portanto guarda para sempre essa identidade”, acrescenta. O escritor Roberto Menezes entrou para o Clube do Conto em 2008, e não esconde que essa experiência foi fundamental não só para quebrar o isolamento no qual vivia, como para aperfeiçoar sua própria escrita.

Em associações do tipo Clube do Conto há muita camaradagem, mas não há condescendência quando o assunto é literatura. Roberto Menezes que o diga. Lá, certamente, bateu-se com intransigências renomadas, a dele, inclusive, até acertar o passo no caminho que levaria ao êxito literário seus romances e livros de contos: *Pirilampos Cegos*, *O Gosto Amargo de Qualquer Coisa*, *Julho é Um Bom Mês pra Morrer*, *Palavras que Devoram Lágrimas*, *Despoemas* e *Conversa de Jardim*.

ANDRÉ RICARDO AGUIAR

CONTATO MAIS ÍNTIMO,
OBRA E AUTOR

O poeta e escritor paraibano André Ricardo Aguiar - *A Flor em Construção*, *Alvenaria*, *A Idade das Chuvas...* - é um dos fundadores do Clube do Conto, que, segundo ele, deixou sementes, talvez num formato que considera inédito até hoje. “Não tive notícias de um grupo mais longo que reunia grandes nomes e iniciantes num

mesmo diapasão, numa total informalidade e numa humildade nunca vista em termos de encontro literário”, resume.

André zela pela memória das reuniões do Clube do Conto, que o ensinaram a lidar com o texto bruto e com sua edição, numa oficina sempre aberta. “E dali saíram projetos, ideias para livros, antologias. Vi muita gente boa começar ali. Quem saiu, levou junto algo. E quem ficou teimosamente, viu camadas e gerações, autores que foram para o andar de cima, outros que apenas fizeram breve visita”, relembra, com o humor que é uma de suas características.

André entende que, na seara da literatura, tudo é salutar em termos de encontro, principalmente os informais. “A informalidade – frisa – é um passo maior, numa busca pelo contato mais íntimo, obra e autor. A formalidade também é importante, por mecanismos que contemplem um apoio para um projeto. Mas a informalidade deve ser o resultado melhor, para a troca de ideias e experiências. A informalidade é a cozinha hospitaleira da literatura”.

As redes sociais como uma grande associação, embora frag-

mentada. O que André acha disso? Ele concorda, mas pondera que a internet é um caos que ainda - talvez - não tenha uma organização para se chamar de associação: “É como tentar delimitar uma piscina num rio em movimento. Mas o bom uso sim, é salutar, sobretudo nos contatos, nas formas de resistência, nas garimpagens de alguma coisa que sirva ou que possa ser descartada, tudo é válido.

Usando o Facebook como ilustração, André afirma que através de seu perfil pode gerir um evento cultural, promover um livro, criar um crowdfunding, estabelecer uma antologia. Pelo instagram, idem. “É nesse ponto que um autor tem que se virar ao mesmo tempo em ser editor, publicitário, escritor, leitor, relações públicas. Ou o fragmentário pode dispersar, criar uma bolha, não render nada mais que apenas um vício”, contrapõe.

Uma rápida pesquisa na internet é mais que suficiente para se ter uma ideia da impressionante quantidade de novos grupos relacionados não apenas à produção literária em si, como também ao compartilhamento de leitura de obras literárias. São os casos,

por exemplo, das comunidades virtuais LiteraturaBR, Partilha da escrita, Scribe, Skoob, 2 mil toques, Letra viva – Literatura de confronto, Autora Paraibanas etc. ▶



André Ricardo Aguiar (acima) e uma reunião do grupo Iaras: informalidade dos encontros busca contato mais íntimo entre obra e autor





▶ VAL DONATO

O CANTO GUERREIRO DO IARAS

Os preconceitos perseguiram mais as mulheres também nos campos da criação. Hoje, talvez em uma proporção dificilmente encontrada em outro momento histórico, as mulheres estão cerrando fileiras para dar um basta à discriminação. Neste sentido, surgem a cada dia novos grupos exclusivamente femininos, para fazer a defesa de gênero e de ideias por meio de oficinas, palestras, concursos e até mesmo da fundação de editoras, para publicação de suas obras.

No ano passado, a cantora e compositora paraibana Val Donato, ao acompanhar a seletiva da primeira edição do Festival de Música da Paraíba, promovido pelo Governo do Estado, perce-

beu uma gritante desproporção entre o número de compositores e compositoras. “Das 24 músicas selecionadas para o festival, duas apenas eram de compositoras, ou seja, foram feitas por mulheres, e isso me levou a questionar as razões dessa desigualdade”, ressalta a artista.

Por coincidência ou não, na semana em que Val estava pesquisando os motivos daquela desconformidade entre homens e mulheres, no Festival de Música da Paraíba, ela recebeu uma mensagem via e-mail da

Val Donato criou o Projeto Iaras inspirado na lenda da índia que vira sereia: objetivo é oferecer oficinas, palestras e cursos exclusivamente para mulheres

União Brasileira de Compositores (UBC), dando conta de que apenas 14% dos associados da entidade eram mulheres. E mais: entre os compositores que têm obras executadas e recebem direitos autorais, apenas 9% são mulheres.

Val constatou que a estatística relacionada ao Festival de Música da Paraíba apenas ratificava uma realidade nacional. “Em todo o Brasil, nós mulheres representamos de dez a 15% do universo de compositores”, alerta. A reação da artista a essa disparidade foi de ordem prática. Val idealizou e colocou em ação o Projeto Iaras, cujo objetivo, segundo ela, é oferecer oficinas, palestras, concursos, rodas de conversas e vivências exclusivamente para mulheres.

“A meta – prossegue Val – é estimular as mulheres, principalmente aquelas que não se veem ainda como compositoras ou poetas, mas que têm aquela semente ali, germinando, ou mesmo que não tenha, mas queira ousar, arriscar o fazer poesia, o escrever música, ou cantar, tocar um instrumento”. E vai além: “O Iaras busca incentivar a mulher a se reconhecer como uma potencial criadora que deve apresentar suas ideias e não só reproduzir a dos outros”.

Val nunca participou de grupos de poetas, mas acha importante que eles existam formal ou informalmente, principalmente entre mulheres. “Acho que tem que se encontrar, conversar, debater, uma vai inspirar a outra, é a tal da representatividade, uma vai se ver se na outra e perceber que pode realizar o que a outra está realizando. Nesse sentido, acho que os encontros presenciais têm uma importância ainda maior que os da internet”, considera.

E por falar em internet, Val considera a rede mundial de computadores de fundamental importância, no sentido de viabilizar a convergência de interesses comuns, como é o caso do Iaras. “Trata-se de uma conexão que de outra maneira não aconteceria entre mulheres do mundo inteiro. Eu não consigo nem imaginar que alcance o nosso projeto teria sem a internet. Daria muito trabalho e os resultados demorariam muito mais para aparecer”, avalia.

Sob a curadoria de Débora Gil, Jennifer Trajano e Cris Estevão, o Iaras lançou, neste semestre, o I ▶

- Concurso Iaras de Poesia, aberto a poetas e compositoras. A meta é incentivar mulheres com inclinações poéticas e musicais a tirarem suas produções da gaveta e trazer a lume, talvez a única maneira, por exemplo, de chegarem a publicar um livro. Se as dificuldades ainda estão aí, o Iaras bota o bloco na rua para ajudar mulheres interessadas em superar adversidades.

Aliás, o próprio nome resume o espírito combatente do projeto. Val revela que se inspirou em uma das versões da lenda da índia guerreira chamada Iara, que queria ir para a guerra junto com seus irmãos, mas era impedida pelo fato de ser mulher. Ela tanto insistiu que um dia foi jogada no rio, renascendo sereia, cujo canto encantava e atraía. “Então o projeto tem esse aspecto do canto da arte e da mulher guerreira que quer a sua posição de igualdade”, resume.



Poeta e professora, Jennifer Trajano atua junto a grupos dentro e fora da internet e estreou em livro publicando por um selo feminista

JENNIFER TRAJANO OS MUNDOS POSSÍVEIS

“Exploradora de mundos possíveis”. A frase ajuda a definir a poeta e professora Jennifer Trajano, que não economiza energia quando o assunto é projeto de emancipação feminina. “Sem dúvidas esses eventos que visam incluir as mulheres no mercado editorial são necessariamente válidos porque, culturalmente, mesmo demonstrando talentos imensos, fomos quase sempre excluídas de prêmios, de ‘postos’ literários”, justifica.

Jennifer participa do movimento – reconhecido nacional e internacionalmente – denomi-

nado Mulherio das Letras, que, segundo ela, elegeu como musa Maria Valéria Rezende “e foi praticamente todo organizado por meio de grupos no Facebook, visando algo colaborativo, sem lideranças maiores, e não se atém apenas às mulheres poetas e escritoras (mesmo que a literatura esteja em evidência) mas sim às autoras no geral (acadêmicas etc.)”.

Ela lembra que, depois do I Encontro Nacional do Mulherio das Letras, realizado, em João Pessoa, de 12 a 15 de outubro de 2017, muitas antologias surgiram com o selo Mulherio das Letras. “E por falar em selos, minha primeira publicação foi em uma Antologia com o selo Senhoras Obscenas, mais um projeto feminista”, acentua. A poeta estreou em livro este ano com *Latíbulos*,

com selo da Escaleras, casa editorial de Débora Gil Pantaleão.

Jennifer confirma que foi convidada a participar do Iaras, idealizado pela cantora Val Donato, para fazer junto com Cris Estevão e Débora Gil a curadoria do I Concurso de Poesia do projeto, bem como ministrar com Cris uma oficina de poesia voltada ao público de mulheres, como todo o projeto em si. “O Iaras é porque envolve muito a música também, o diálogo com a literatura e outras artes. Iara é nacional, é nossa, canta e afoga almas”, salienta.

Além do Mulherio das Letras e do Iaras, Jennifer participa ainda de um grupo informal criado no Whatsapp, denominado Au-

toras Paraibanas, em que além das escritoras, poetas, há também cantoras, artistas plásticas, jornalistas, professoras e organizadoras de eventos culturais. “A união existe com a proposta de agregar e divulgar eventos relacionados à literatura, à arte no geral, evidenciando a importância feminina na cultura do nosso estado”, explica.

A meta geral, na opinião de Jennifer, é fazer o possível para inserir, inclusive, autoras que escrevem no anonimato, a fim de colaborar, por meio desses eventos, para que “ganhem nome”. “É o que ocorre com o Sarau Selváticas, organizado pelas poetas Anna Apolinário e Aline Cardoso, haja vista ter como objetivo dar voz a poetas inéditas. Participei de sua primeira edição, em maio de 2017, quando ainda estava ‘entrando’ nesse meio de cultura”, esclarece.

Entusiasmada com o Selváticas, Jennifer envolveu-se com outras edições do sarau, a exemplo do que homenageou Marielle Franco no Grito Rock João Pessoa, realizado, este ano, no Centro Histórico. “Hoje vejo muitas mulheres tendo a oportunidade de divulgar o que fazem, de não ter medo do julgamento dos ‘arcaicos decassílabos enferrujados’, se assim posso adjetivar os que negam a literatura em sua essência marginal, em sua escrita feminista”, ataca.

A poeta conta que não tinha contato com muitas dessas mulheres, mas passou a ter virtualmente até se conhecerem nesses meios. “A tecnologia, por sua vez, ajuda muito, facilita. A internet esteve sempre ligada à organização desses movimentos, portanto é de grande relevância para a divulgação e a expansão de ideias, tendo em vista sua capacidade de unir uma poeta daqui de João Pessoa com outra de qualquer região (inter) nacional”, complementa.

Jennifer entende que isso ocorre em todos os projetos que propõem romper o machismo literário, e por isso não excluem. “E ainda temos muito a ‘trabalhar’ – continua – porque também percebo algumas autoras sendo reconhecidas apenas na

▶ velhice. Conceição Evaristo diz em uma entrevista à BBC que ‘é preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos’, o que nos leva a outra interdição que sofre a mulher negra escritora, a de raça”.

Para Jennifer, é preciso derrubar barreiras e a internet colabora com isso. “Há gente que prefere publicar em blogs, dispensando o mercado, perfis de Instagram e páginas no Facebook utilizadas com essa finalidade. Alguns são muito conhecidos pelo público jovem (vários seguidores), principalmente, e digo isso porque alunos me mostravam essas páginas. Há quem rompa também fazendo zine de poemas, enfim, tudo é muito válido”, assinala.

Anna Apolinário integra o núcleo mais jovem e combativo da cultura paraibana



ANNA APOLINÁRIO

ROMPENDO A DENSA FLORESTA

A poeta Anna Apolinário também pertence ao núcleo mais jovem e combativo da cultura paraibana. É autora dos livros *Solfejo de Eros*, *Mistráis*, *Zarabatana* e *Magmáticas Medusas*, e a idealizadora e organizadora,

junto com a poeta Aline Cardoso, do Sarau Selváticas, que há dois anos, segundo ela, “funciona como um espaço horizontal de resistência e empoderamento, que busca fortalecer e celebrar o protagonismo da literatura feita por mulheres”.

Anna relata que a inquietação causada pela exclusão das escritoras nos espaços e eventos literários, sempre reduzidos, levou à criação do projeto, cuja natureza é bastante versátil, destinado à compartilhar e celebrar poesia e arte produzidas por mulheres. “O Sarau faz uma chamada pública para conhecermos o trabalho das poetas, e busca a união de outras linguagens artísticas além da poesia, como a música, as artes visuais e a performance”, completa.

O Selváticas estreou em maio de 2017, em João Pessoa, e sua edição mais recente foi em junho deste ano, também na capital, simultaneamente ao lançamento do livro *A proporção áurea do caos* (Escaleras), de Aline Cardoso. O Sarau também realizou edições pocket #Marielle Presente no Festival Grito Rock em 2018 e 2019. “O projeto tem resistido graças às mulheres e suas vozes que se unem às nossas a cada nova edição do projeto”, acentua Anna.

Anna também faz parte do Mulherio das Letras, que considera “um coletivo feminista literário, diretamente interessado na expressão pela palavra escrita e oral, com adesão de mais de seis mil mulheres brasileiras residentes no Brasil e no exterior, que se propõe a discutir as questões da mulher nas áreas da arte e da cultura.” Prova disso foi a realização do I Encontro Nacional do Mulherio das Letras, que reuniu em João Pessoa artistas de todo o Brasil.

Em 2018 foi publicada a antologia *Um girassol nos teus cabelos - poemas para Marielle Franco*, pela Quintal Edições em parceria com o movimento Mulherio das Letras. O livro reúne poe-

mas de 50 autoras e, de acordo com Anna, “surgiu como reação espontânea de poetas brasileiras impactadas com a tragédia do assassinato de Marielle Franco”. O III Encontro Nacional do Mulherio das Letras será realizado em novembro deste ano, em Natal (RN).

A militância de Anna, no entanto, não se resume ao Sarau Selváticas e Mulherio das Letras. Ela também participa do Senhoras Obscenas, coordenado pela escritora Graziela Brum, que Anna define como “um projeto literário livre e independente que visa ocupar as mídias sociais com literatura (poesia e prosa) de autoria feminina”. Outro objetivo “é engrossar o número de publicações do gênero feminino, resgate e divulgação das mulheres da literatura e artes”.

O Obscenas reúne poetas e escritoras de todo o país, que colaboram enviando, para o canal, vídeos com textos autorais, em especial poemas. Três antologias de prosa e poesia já foram organizadas e publicadas pelo projeto, que Anna considera “um dos exemplos do fortalecimento das mulheres enquanto artistas, mostrando que estão ativas e atentas, na busca pela equidade em todos os espaços, construindo uma rede de diálogo e empoderamento constantes”.

Já a internet, na opinião de Anna, “é uma poderosa ferramenta de disseminação, congregação e mobilização de informações, e poder ser usada positivamente para divulgação do trabalho literário, possibilitando o diálogo e a ampliação dos espaços de leitura e a formação de novos leitores”. Por meio da rede, ela mantém contato com poetas e artistas de várias partes do país e do exterior, cultivando “amizades especiais que geram parcerias e projetos”. ✦

William Costa é jornalista e escritor. Nasceu em Campina Grande (1960) e mora na capital da Paraíba. É editorialista e colunista de *A União*. Estreou na literatura em 2017 com o livro *Para tocar tuas mãos* (crônicas, contos e poemas).



FOTO: DIVULGAÇÃO

Flibo:

UMA DÉCADA LEVANDO LITERATURA ao Cariri

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

O ano era 2011. Ariano Suassuna era o grande homenageado da segunda edição da Festa Literária de Boqueirão (Flibo). O escritor e teatrólogo hospedou-se em um hotel-fazenda nas proximidades de Boqueirão. No caminho para o local, parou o carro para perguntar a um rapaz como chegava ao hotel-fazenda. O rapaz o reconheceu: “É o pai de Chicó!”, comemorou, e se ofereceu para levar o “pai” de Chicó e João Grilo (personagens de *O Auto da Compadecida*) a chegar ao local de destino. Em outra edição do evento, um rapaz ficou encantado por ter conversado com o escritor Bráulio Tavares, sentado no meio fio de uma calçada. “Foi surreal”, contava, orgulhoso, aos amigos de Boqueirão.

São histórias do que acontece nos bastidores da Festa Literária de Boqueirão (Flibo), iniciada em 2010 e que neste ano de 2019 chega à sua décima edição com uma homenagem a Bráulio Tavares. Mas muito além dos bastidores, há muito o que contar sobre o evento, que todos os anos reúne escritores e leitores em torno da literatura na pequena cidade de Boqueirão, no Cariri paraibano. Este ano, o evento acontece de 11 a 14 de setembro (confira a programação na página 12).

A Flibo surgiu a partir do momento em que a Associação Boqueirãoense de Escritores (Abes) foi criada, em 2009. Quando isso aconteceu, escritores e professores do Boqueirão começaram a investir em eventos literários, sendo os saraus os de maior afluência. No início de 2010, decidiu-se realizar um encontro de escritores do Boqueirão e convidar escritores da região do Cariri e da cidade de Campina Grande.

O projeto foi feito e encaminhado à Secretaria de Cultura do Município, em busca de apoio. Mas fugiu um pouco da ideia original e virou a Festa Literária de Boqueirão. “Até então, não se tinha esse movimento no Cariri. Havia o Clube do Conto em João Pessoa, alguns encontros em Campina Grande (bem acadêmicos), mas nada que envolvesse a comunidade



FOTOS: DIVULGAÇÃO



► e os estudantes”, lembra Mirtes Waleska, escritora, poeta e uma das idealizadoras da Flibo.

O projeto teve boa recepção de imediato junto a prefeitura e instituições como UEPB e UFCG. “A primeira edição aconteceu em março, fizemos pesquisa para ver escritor que faria aniversário em março para ser homenageado. Como era 18 de março, veio o nome de Ronaldo Cunha Lima, que, mesmo já debilitado na saúde, esteve presente, acompanhado de sua esposa, Dona Glória Cunha Lima, e teve um momento em que se falou sobre sua poesia. Vieram escritores da Geração 59 e as presenças de Braulio Tavares, Damião Cavalcante, Ed Porto, Vitória Lima, entre outros”, conta Mirtes. Nesta primeira edição teve, ainda, Jessier Quirino, apresentando sarau e atividades pedagógicas nas escolas (mini-cursos, oficinas).

No início, a Flibo era realizada em espaços fechados. A partir da terceira edição, houve dificuldade de patrocínio junto ao poder público. A Flibo, então, é levada para praça públi-

ca. Também foi transferida para o segundo semestre, criada a marcha literária convidando as pessoas, mas ainda não tinha a presença da população no evento. “Até conseguir isso, levamos de seis a sete anos. Esse trabalho de envolver as escolas, de fazer com que alunos desde a educação infantil participem, acabou formando um público maior para Flibo com o tempo”, diz Mirtes, que acrescenta:

– Acredito que hoje a Flibo representa uma grande experiência literária, não só para Boqueirão, mas para toda a Paraíba. A partir da Flibo outros municípios começaram a realizar seus festivais literários. Hoje temos de 15 a 18 municípios que fazem ou irão fazer este ano o seu festival. Vejo a força que esses eventos têm, porque permite o diálogo com os escritores, levar as discussões literárias para a escola, para a praça. Esse é o papel principal dos festivais literários na Paraíba, vejo como uma política do livro, do acesso, da comunicação. As editoras também participam.

Fazer um festival literário no interior não é fácil e os organizadores da Flibo enfrentaram várias dificuldades. A maior delas envolve a logística, como hospedagem, iluminação, cadeiras, palco, som iluminação. Para

Histórico: primeira edição da Flibo contou com o reencontro da Geração 59 (no alto); Jessier Quirino (esq.) e o poeta Helder Pinheiro (acima)

▶ isso, há que se ter vários parceiros: prefeitura, governo, universidades, comércio. E unir forças: alguém cuida do palco, outro do material gráfico, um terceiro da fotografia e por aí vai.

Entre autores e autoras fora do eixo João Pessoa-Campina Grande, já passaram pela Flibo nomes como Luzimar Rodrigues, Aderaldo Luciano, Penélope Martins, Simone Pedersen, Claudio Gonçalves, José Inácio Vieira de Melo. Em 2010, na primeira Flibo, houve a presença, também, de uma representação da FLIP (Parati), que ainda hoje mantém contato com os organizadores do evento.

Entre as histórias curiosas, Mirtes conta que existem alunos que não queriam de maneira alguma participar das oficinas e quando participam depois dão depoimentos de que foi a melhor coisa que fizeram. “Já tivemos oficina de Escrita Criativa (com Bruno Ribeiro) e alunos que participaram já escrevem hoje e nos mostram seus textos. Pessoas que começaram a gostar de ler a partir da FLibo. São esses depoimentos que a gente vê guardando na memória”, observa.

Sobre possíveis futuros homenageados, Mirtes pensa em vários nomes, Como Ana Maria Machado, Ziraldo, Marina Colassanti, Pedro Bandeira. Quem sabe não os veremos andando pelas ruas de Boqueirão.

BRAULIO, O HOMENAGEADO

O grande homenageado da Flibo este ano é Braulio Tavares, referência na literatura brasileira contemporânea, além de ser compositor e jornalista. Ele já participou três ou quatro vezes desta que considera uma das mais simpáticas festas literárias, principalmente pela qualidade e variedade de artistas convidados e pelo grau de envolvimento com a população.



HOMENAGEADOS DA FLIBO

2010

Ronaldo Cunha Lima

(esteve presente)

2011

Ariano Suassuna

(esteve presente)

2012

Lourdes Ramalho

(esteve presente)

2013

Vinícius de Moraes

2014

Maria Valéria Rezende

(esteve presente)

2015

Leandro Gomes de Barros

2016

Anayde Beiriz

2017

Chico Buarque

2018

Clarice Lispector

2019

Braulio Tavares

FOTO: DIVULGAÇÃO



Braulio já foi à Flip de Paraty, à Fliporto de Porto de Galinhas/Olinda (PE), à Flipoços de Poços de Caldas (MG), à Flup do Rio de Janeiro – “de que acabamos de perder, tragicamente, um dos organizadores, meu amigo Écio Salles”, pontua, antes de setenciar: “Cada uma dessas festas tem um perfil, um público, uma abordagem diferente”.

“Sou a favor desses eventos, porque sou a favor de qualquer acontecimento literário que aproxime o escritor do seu público. Que cancele, pelo menos por um ou dois dias, aquele sentimento de solidão de quem escreve” comenta o homenageado deste ano.

Segundo Braulio, muitos autores são introvertidos, tímidos, não gostam desse contato face a face. Esses têm a opção de ficar em casa. “Eu sei, porque também sou tímido, mas o mundo quebrou minha casca na porrada, e o jeito foi sair”, completa

Braulio reconhece que muitas vezes tais eventos ficam contaminados pelo oba-oba e pela superficialidade: “Tem leitores que querem tirar selfie ‘com o famoso’, mas não leriam um livro dele nem amarrados. E daí? Pior para eles. A gente se sujeita a tanta coisa na vida... Encontrar um leitor firme e sincero, e conversar com ele por dez minutos que seja, vale a pena de tirar dez selfies com gente avoada que nem sequer sabe quem somos. É para esse leitor firme e sincero que a gente escreve – o resto é paisagem” ✖

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nasceu em Cajazeiras e mora em João Pessoa (PB). Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Lançou, entre outros livros, *Os zumbis também escutam blues* e outros poemas, *Tara e outros otimismo* (poesia) e *O nirvana do Eu* (ensaio). E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.

O convidado e a organizadora - Braulio Tavares e Mirtes Waleska voltam a se encontrar na edição deste ano

PROGRAMAÇÃO

QUARTA, 11 DE SETEMBRO

- 8h30** Marcha Literária
19h Abertura Oficial com autoridades
19h20 Apresentação Musical: Filarmônica Nossa Senhora do Desterro
20h Palestra: Bráulio Tavares, da tradição popular à ficção científica, com Bruno Gaudêncio (Escritor) e João Mathias (Escritor)
21h Música na Praça, com a Banda Sona

QUINTA, 12 DE SETEMBRO

- 8h30** Minha Escola na FLIBO (Praça da ABES), Apresentação das Escolas e Apresentação do Grupo Contação de Rua
9h Abertura da Exposição: os 70 anos do Jornal a União (EMEF PADRE INÁCIO)
13h30 Minha Escola na FLIBO (Praça da ABES), Apresentação das Escolas e Apresentação do Grupo Contação de Rua
19h Bate-papo: 10 anos de Flibo, com poetas da ABES e Convidados
20h Bate-papo: Do cordel ao cinema: o Nordeste em Cena, com Hipólito Lucena (jornalista) e Rosilene Nunes (professora e pesquisadora), mediação Stelio Mendes (professor e editor)
21h Música na Praça, com a Banda Baile Degraus

SEXTA, 13 DE SETEMBRO

- 8h30** Minha Escola na FLIBO (Praça da ABES), Apresentação das Escolas

- 9h30** Bate-papo na Escola: Exposição os 70 anos do Jornal a União, André Cananéa (jornalista)
13h30 Minha Escola na FLIBO (Praça da ABES), Apresentação das Escolas
19h Bate-papo: Literatura de Viagem, Antônio Clarindo (historiador e escritor) e Thélío Farias (advogado e escritor)
20h Cia. Café com Pão de Teatro (espetáculo Griôt)
21h Música na Praça: Kaline Bertino // Buzão da Farra

SÁBADO, 14 DE SETEMBRO

- 14h30** Espaço Nordeste
 Cariri em Verso e Prosa, com Tiago Monteiro, Mirtes Sulpino e Jane Luiz Gomes
 Convidados: Juliana Soares, Sidney Nunes, Gilberto José
16h Bate-papo literário: As palavras e emoções que conectam os Cariris e os Sertões, com os escritores Efigênio Moura e Jurani Clementino
17h Palco Aberto para poetas declamadores com Apresentação cultural: Banda de Pifano (Sidney Nunes)
19h Apresentação Cultural: Companhia Raízes
19h30 Palestra de Encerramento: Todas as emoções se dão através das palavras, Mabel Amorim (escritora) e Danielle Inô (professora e escritora)
20h30 Coletivo Cordel Paraíba
21h Música na Praça: Samba Tap // Lara Amélia

OFICINAS / MINICURSO

QUINTA, 12 DE SETEMBRO

9H

Oficina: Cordelando Cordéis rítmicos. Com Raiane Melo e Ana Guedes. CH: 3h. Público-alvo: Ensino Fundamental II (5º e 6º ano). Local: Escola Edilene Rodrigues

Minicurso: Impactos socioambientais e a sustentabilidade de projetos de dessalinização no Semiárido brasileiro. Com Andrea Azevedo e Sérgio Simplício. CH: 3h. Público-alvo: Ensino Médio. Local: Escola Padrão

Oficina: Entre Filomenas e Sebastianas, a produção cultural e as mulheres nas músicas de Jackson do Pandeiro. Com Helton de Farias e Layze Mariana. CH: 3h. Público-alvo: Ensino Médio e Ensino Superior. Local: Escola Padrão

14H

Oficina: O amor que eu amo: as multifacetadas do amor no texto literário. Com Otaíza Santos. CH: 3h. Público-alvo: Ensino Fundamental II (8º e 9º).

Oficina: Se acheque pra cá, isso é Cordel! Com Juliana Soares. CH: 3h. Público-alvo: Ensino Fundamental I (4º e 5º ano). Local: Escola Pe. Inácio

Oficina: Questões Tecnológicas no Semiárido brasileiro: o caso da Paraíba. Com Andrea Azevedo (CES/UC/PT), Hermes Magalhães (UFRJ), Leonardo Alves (NUTES/UEPB). Público-alvo: Alunos do Ensino Médio. Local: Escola Padrão

Minicurso: As violências físicas e simbólicas contra a mulher na música popular brasileira: dos primórdios aos Aviões do Forró. Com Virna Cunha e Edvaldo Lacerda. CH: 3h. Público-alvo: a partir do Ensino Médio.

SEXTA, 13 DE SETEMBRO

9H

Oficina: (Re) Conto e Contação de Histórias com Fantoches. Com Jéssica Nascimento e Rayssa Andrade. CH: 3h. Público-alvo: Professores e interessados. Local: Escola Criativa da Mônica

Oficina: A representação das diferenças nos contos de Andersen: A literatura como fator humanizador. Com Verônica Melo. CH: 3h. Público-alvo: Alunos do Ensino Médio e interessados. Local: Escola Padrão

Oficina: Leitura e Produção do Gênero "Limerique". Com Josilma Alcântara de Sousa. Público-alvo: Alunos do Ensino Fundamental II (6º e 7º ano). Local: Escola Criativa da Mônica

Oficina: Confecção de Xilogravuras adaptadas. Com Joab Leite Matos Júnior. CH: 3h. Público-alvo: Ensino Fundamental I e II (5º e 6º ano). Local: Escola Edilene Rodrigues

Oficina: Vamos desenhar poesia? Haicai. Com Lau Siqueira. CH: 3h. Público-alvo: Alunos do Ensino Fundamental I. Escola Pe. Inácio

Minicurso: Poesia e Performance, com Hélder Pinheiro. CH 3h. Público-alvo: a partir do Ensino Médio

14H

Minicurso: Nordeste posto, Nordeste deposto: o discurso literário contemporâneo". Com Johniere Alves Ribeiro (Professor, Doutorando em Literatura e Interculturalidade). CH: 3h. Público-alvo: Alunos do Ensino Médio e interessados

Oficina: Vamos desenhar poesia? Haicai. Com Lau Siqueira. CH: 3h. Público-alvo: Alunos do Ensino Fundamental I. Escola Pe. Inácio

Oficina: Filosofia e Meditação, propostas de desenvolvimento crítico para crianças e adolescentes. Com Rony Anderson Meira Pereira. CH: 3h. Público-alvo: Alunos do Ensino Médio.

A lírica pluridimensional de Manuel Bandeira

José Mário da Silva

Especial para o *Correio das Artes*

Para Elizabeth Marinheiro,
"coraçõemente".

Os grandes artistas da palavra, em quaisquer que sejam as áreas em que eles atuam, jamais são prisioneiros de uma temática só. Válido para todos os que fazem da palavra-arte a sua razão diária de sobrevivência estética, tal ponto de vista diz respeito, sobretudo, ao poeta, companheiro da liberdade e íntimo do infinito, ávido por fazer "do nervo gorduroso da vida", diria o imenso Fernando Pessoa, a privilegiada matéria do seu canto. Numerosa, complexa e assombrosamente diversificada, a vida não cabe em nenhum signo, por mais abrangente que ele seja ou pretenda ser.

▶ Mesmo quando se fixa numa temática aparentemente uniforme, o poeta o faz com modulações de perspectiva, mudança de atitude, alteração de tonalidade, dentre outros aspectos que, no final das contas, anelam, pedagogicamente, ensinar-nos a perceber que os poetas, assim como a vida de que eles se alimentam e buscam transfigurar, também são seres complexos, mutáveis e passíveis de ver a vida a partir de prismas distintos e possibilidades temáticas multiplicados.

Cabe aqui, de passagem, uma advertência conceitual acerca do livro didático, frequentemente produtor de olhares estereotipados sobre os escritores que aborda e enfeixa em suas páginas, na medida em que os aprecia sempre em função dos mesmos textos selecionados, alguns dos quais, não raramente, aparecem mutilados. O ponto aqui não é banir o livro didático que, em muitas circunstâncias, constitui-se na única ferramenta de que dispõem os professores no exercício da sua docência, mas, sim, apontar algumas das suas fragilidades, bem como sinalizar para algumas possibilidades de superação.

Em face desse reducionismo conceitual, Manuel Bandeira tem sido encarado tão somente como um poeta do cotidiano, afirmação que somente de modo parcial pode ser considerada verdadeira, dado que, ao lado das realidades mais aparentemente insignificantes do cotidiano, o criador de *Ritmo Dissoluto* cantou a natureza, a mulher, o amor, o erotismo, a própria poesia em textos admiravelmente metalinguísticos, a cultura popular, a amizade, a morte, a infância, a cidade, notadamente, a do Recife, seu berço natal, de onde ele retirou cenas, cenários, motivos e motivações para a elaboração de inúmeros poemas, muitos quais roçantes da perfeição estética e extraordinária substância humana.

Em antologia que trabalhei com os meus alunos de Teoria do Texto Poético da Universidade Federal de Campina Grande, lida e apreciada, exaustivamente, ao longo do curso ministrado, procurei demonstrar o caráter pluri-



Além ser visto como um poeta do cotidiano, Manuel Bandeira também cantou a natureza, a mulher, a cultura popular, a amizade, a morte e a infância, entre outros

dimensional da poesia do grande poeta Manuel Bandeira. ‘Epígrafe’ e ‘Desencanto’, os dois poemas inaugurais de *A Cinza das Horas*, primeiro livro de Manuel Bandeira, sinalizam para uma atmosfera soturna, melancólica, na qual, visitado por uma enfermidade considerada incurável para os padrões médicos da época, o poeta, de mãos dadas com a dor e o sofrimento, recomenda ao seu leitor: “fecha o meu livro se por ▶

▶ agora / não tens motivo nenhum de pranto”, como se somente a dor e o sofrimento fossem as únicas pontes de comunicação com o outro.

Em ‘Epígrafe’, o mundo mágico da infância é tragado pela avassaladora força do destino e do mau gênio da vida, que “turbou, partiu, abateu” o poeta, deixando, tão somente, como amargo consolo, uma “pouca cinza fria”.

No entanto, como assinala o poeta e ensaísta baiano Ruy Espinheiro Filho no seu ótimo livro *Forma e Alumbramento – Poesia e Poética em Manuel Bandeira*, com o atingimento da maturidade, a lírica bandeiriana alarga o seu compasso, transcende os limites de sua interioridade mais subjetiva e, assim procedendo, torna-se mais solidária e dialógica.

É quando o poeta descobre pelo menos três verdades existenciais extremamente importantes: ele não é o único ser que experimenta o sofrimento; o seu sofrimento não é o maior de todos; o sofrimento não, nem tem de ser, obrigatoriamente, a estação final e definitiva da existência. Pelo contrário, pode e deve ser ponto de partida para a necessária superação, sublime instrumento de sublimação e crescimento na dura e fascinante arte de viver.

O poeta da dor e da cinza, convém que reiteremos, alarga

**Manuel Bandeira
tanto cultivou
formas poéticas mais
conservadoras, quanto
incursionou pelo
libertário território
formal e conteudístico
preconizado pelos
modernistas**

os seus horizontes e “sob o céu todo estrelado”, vivencia um raro, mas impactante, momento de felicidade em contato com a natureza, na qual, miticamente falando, parece que ocorre uma espécie de suspensão do tempo, reinando, em seu lugar, a serenidade indizível de uma espacialidade indiciada por estrelas, riachos, plantas, narradores da eterna história sem começo, nem fim, decerto a misteriosa e eterna história dos homens. Em termos tonais, verifica-se, aqui, luminosidade e paz, atmosfera bem diferente da dramaticidade imperante em ‘Epígrafe e desencanto’.

Senhor do seu ofício, íntimo dos temas que cantou em sua caleidoscópica lírica e um dos mais cultos poetas da Língua Portuguesa, Manuel Bandeira tanto cultivou formas poéticas mais conservadoras, como as que se veem em *A Cinza das Horas*, quanto incursionou pelo libertário território formal e conteudístico preconizado pelos modernistas, que o diga o veemente grito pronunciado em ‘Poética’, no qual o eu-lírico brada: “não quero mais saber de lirismo que não é libertação”. Aqui o poeta propugna, sobretudo, pela libertação de toda e qualquer poesia inautêntica, postiça, que não emana do solo concreto da experiência: “que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo”.

Embora se confessando um “poeta menor”, e desprovido da embocadura suficiente para a construção de poema social mais alentado, dotado de feição épica mais ostensiva, o poeta Manuel Bandeira, poeta maior em todos os sentidos, flagra o homem transformado em “Bicho”, catando, entre detritos, o que lhe possa amenizar o flagelo da fome. E, de igual maneira, capta um homem anônimo do povo, eloquente símbolo do desvalido social, um João gostoso qualquer, que mora num barracão sem número, índice de uma cidadania rasurada; e cujos únicos atos de celebração da mesquinha vida que levada são os que o conduziram para a morte.

Em *Nova Poética*, a rigorosa ética da simplicidade composicional ratifica a atitude de quem,

segundo o crítico Davi Arrigucci Jr, foi mestre em extrair a poesia das realidades mais aparentemente intrascendentes e desimportantes da vida. Em ‘Momento num café’, vida e morte dialetizam-se num poema densamente timbrado por tonalidade meditativa, acumpliciado a um fecho explicitamente materialista. ‘Tragédia brasileira’, assemelhada a uma crônica policial clássica, notadamente a que foca nos crimes de natureza passional, transita do poema em prosa à prosa poética, numa autêntica demonstração do ser/fazer da literariedade, conjunto de investimentos feitos pelo escritor na linguagem, de modo a conferir a ela foros de artisticidade.

No poema intitulado: ‘Namorados’, os jogos amorosos são enfocados a partir do conagraçamento entre aliciante ludismo e delicado humor. No poema: ‘Gesso’, no lugar do descritivismo fotográfico típico do parnasianismo mais ortodoxo e menos poético, temos um lirismo terno, afetuoso, que correlaciona sujeito e objeto, ao mesmo tempo em que medita sobre o sofrimento, a passagem do tempo, tudo temperado por comovente humanismo. Em ‘Arte de amar’, tem-se o incursionamento pelo território do erotismo, do amor que se agencia em torno da comunhão dos corpos, dado que a alma é encarada como fonte insuperável do desencontro entre os homens.

Em suma, Manuel Bandeira é um dos poetas mais importantes da literatura brasileira, aquele que, no dizer do brilhante crítico literário José Guilherme Merquior, constitui-se na fonte indesejável do nosso modernismo, na qual vieram densedentar-se todos os que, com o criador de *Belo Belo*, aprenderam que “a poesia está em tudo, tanto nos amores quanto nos chinelos”, ética suprema de quem um dia proclamou: “hoje eu quero a delícia de sentir as coisas mais simples”. ◀

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB).



A conversão de Drummond a Machado dignifica o primeiro, que soube voltar atrás das afirmações iconoclastas da juventude para reconhecer um valor que não poderia ser negado

◆ nas livrarias

A CONVERSÃO DE Drummond ao Bruxo

Francisco Gil Messias
gmessias@reitoria.ufpb.br

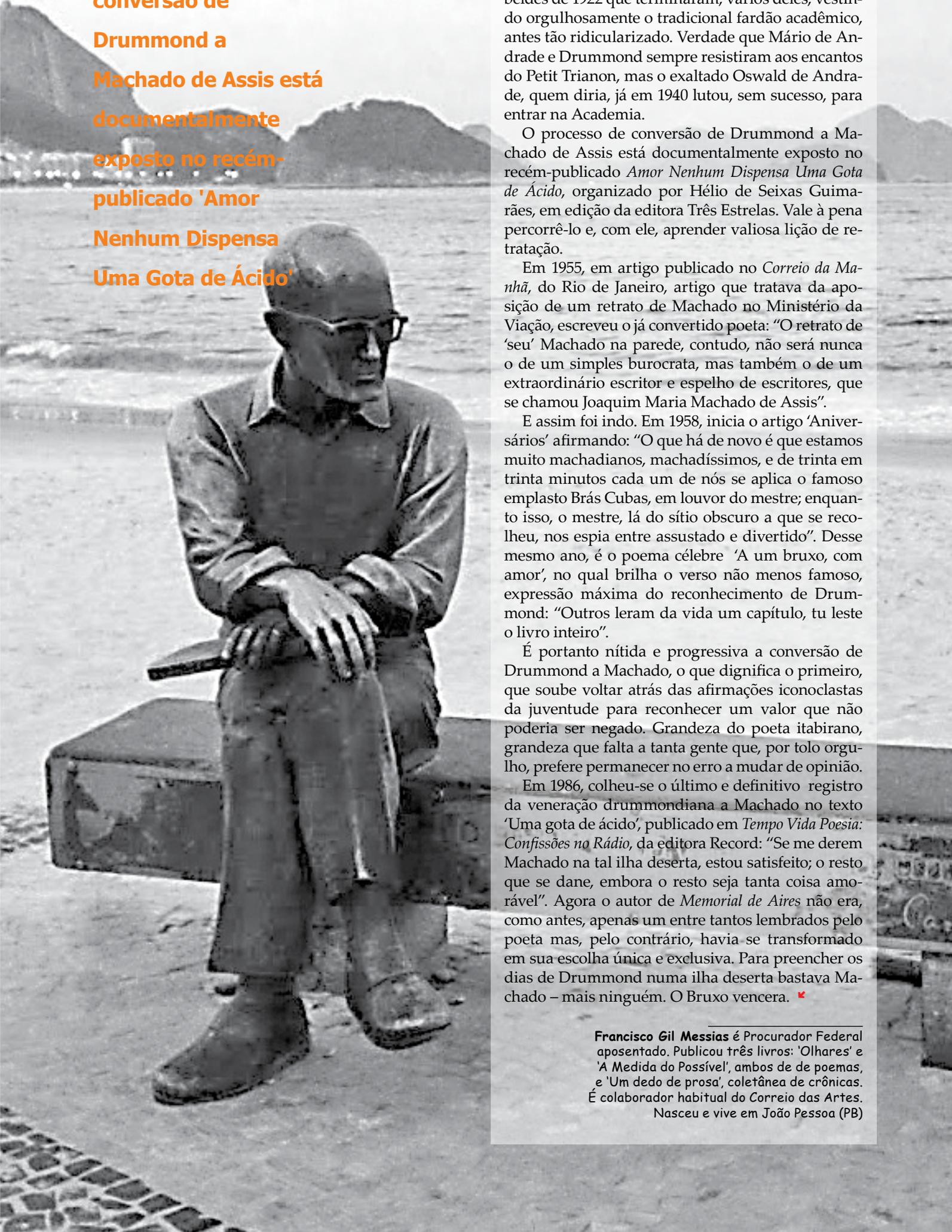
Vejam só o que fazem os arroubos iconoclastas da mocidade, a ânsia, por parte dos novos, de contestar a ordem, os valores e as admirações vigentes. Para eles, nada do que estiver consagrado aos olhos do passado, e também do presente, se aproveita; é preciso tudo negar, tudo destruir, para se começar do zero, a partir da visão juvenil inovadora, a única correta, a única verdadeira. Foi assim que um Carlos Drummond de Andrade, em 1925, aos 22 anos de idade, ao publicar um artigo em Belo Horizonte, de título “Sobre a tradição em literatura”, teve nada mais nada menos que a audácia de considerar o autor de *Dom Casmurro* “um entrave à obra de renovação da cultura geral”.

E continuou nessa pisada por um bom tempo, embalado pelo espírito demolidor da Semana de Arte Moderna de 1922, só

posteriormente amainado, quando a vitória dos postulados modernistas parecia assentada e chegada era a hora de aparar os excessos. Entre estes, certamente, os descatos ao gênio do Cosme Velho.

Aos poucos, Drummond foi se rendendo aos fatos incontornáveis; e foi, aos poucos, reconhecendo o que era óbvio: o valor de Machado de Assis e de sua obra. Assim, o mesmo que escrevera, naquele mesmo 1925, que “... o modernismo brasileiro precisa abandonar de todo o respeito de papão da tradição”, teve a grandeza e a maturidade de, já em 1933, incluir, entre outros, o velho Machado em hipotética lista de 20 livros a se levar para uma ilha deserta. A partir de então, foi se aproximando do mestre, em atitude cada vez mais respeitosa e admirativa.

Esse lento movimento drummondiano, da mais explícita recusa ao mais confessado louvor, é, em essência, da mesma natureza daquele outro que faz de todo revolucionário de hoje o conservador de amanhã. E tudo isso, reconhecemos, é inevitável, como a história já provou e continuará provando e, por ser inevitável, ▶



**O processo de
conversão de
Drummond a
Machado de Assis está
documentalmente
exposto no recém-
publicado 'Amor
Nenhum Dispensa
Uma Gota de Ácido'**

► pode-se dizer que faz parte da ordem natural das coisas. Exemplos não faltam, principalmente na esfera da política. Na literatura, fiquemos com os rebeldes de 1922 que terminaram, vários deles, vestindo orgulhosamente o tradicional fardão acadêmico, antes tão ridicularizado. Verdade que Mário de Andrade e Drummond sempre resistiram aos encantos do Petit Trianon, mas o exaltado Oswald de Andrade, quem diria, já em 1940 lutou, sem sucesso, para entrar na Academia.

O processo de conversão de Drummond a Machado de Assis está documentalmente exposto no recém-publicado *Amor Nenhum Dispensa Uma Gota de Ácido*, organizado por Hélio de Seixas Guimarães, em edição da editora Três Estrelas. Vale à pena percorrê-lo e, com ele, aprender valiosa lição de retratação.

Em 1955, em artigo publicado no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, artigo que tratava da aposição de um retrato de Machado no Ministério da Viação, escreveu o já convertido poeta: “O retrato de ‘seu’ Machado na parede, contudo, não será nunca o de um simples burocrata, mas também o de um extraordinário escritor e espelho de escritores, que se chamou Joaquim Maria Machado de Assis”.

E assim foi indo. Em 1958, inicia o artigo ‘Aniversários’ afirmando: “O que há de novo é que estamos muito machadianos, machadíssimos, e de trinta em trinta minutos cada um de nós se aplica o famoso emplasto Brás Cubas, em louvor do mestre; enquanto isso, o mestre, lá do sítio obscuro a que se recolheu, nos espia entre assustado e divertido”. Desse mesmo ano, é o poema célebre ‘A um bruxo, com amor’, no qual brilha o verso não menos famoso, expressão máxima do reconhecimento de Drummond: “Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro”.

É portanto nítida e progressiva a conversão de Drummond a Machado, o que dignifica o primeiro, que soube voltar atrás das afirmações iconoclastas da juventude para reconhecer um valor que não poderia ser negado. Grandeza do poeta itabirano, grandeza que falta a tanta gente que, por tolo orgulho, prefere permanecer no erro a mudar de opinião.

Em 1986, colheu-se o último e definitivo registro da veneração drummondiana a Machado no texto ‘Uma gota de ácido’, publicado em *Tempo Vida Poesia: Confissões no Rádio*, da editora Record: “Se me derem Machado na tal ilha deserta, estou satisfeito; o resto que se dane, embora o resto seja tanta coisa amarável”. Agora o autor de *Memorial de Aires* não era, como antes, apenas um entre tantos lembrados pelo poeta mas, pelo contrário, havia se transformado em sua escolha única e exclusiva. Para preencher os dias de Drummond numa ilha deserta bastava Machado – mais ninguém. O Bruxo vencera. ◀

Francisco Gil Messias é Procurador Federal aposentado. Publicou três livros: ‘Olhares’ e ‘A Medida do Possível’, ambos de poemas, e ‘Um dedo de prosa’, coletânea de crônicas. É colaborador habitual do *Correio das Artes*. Nasceu e vive em João Pessoa (PB)



Vida e linguagem

Casa de Tapolagem (Itabuna – BA: Mondrongo, 2019), eis o título da coletânea de poemas que Hernane Borges de Barros Pereira oferta ao público leitor, dando continuidade ao seu processo de criação literária materializado em duas obras anteriores: *Recorrência Lúdica para Noites Ébrias* (2004) e *Sem Bálamo, Rosário ou Sapatos* (2011).

Faço questão de citar os títulos, uma vez que eles, nas suas ressonâncias significativas, parecem remeter, em clave sintética, para o universo temático e para as forças motrizes que lastreiam a sua poética individual. Certo ludismo, certa embriaguez e certos bálsamos como que compõem o conteúdo da escrita lírica, direcionando-a, quase sempre, para a fluidez das coisas existenciais que configuram a experiência humana.

Casa de Tapolagem não se distancia deste princípio poético. Casa do jogo, casa do vício, casa da vida, casa da linguagem. Aqui, como nas circunstâncias antecedentes expostas nos outros livros, o motivo do jogo ressurge amalgamado à percepção de mundo, à interiorização das vivências afetivas, ao intenso diálogo do eu lírico com os símbolos que o cercam e, em especial, na fatura discursiva que rege a construção dos versos.

Não são poucos os poemas deste livro, cujo vocabulário abriga palavras que podem traduzir a sensação dos pactos cênicos e dramáticos, tanto no que concerne à argila áspera da existência quanto no que tange à organização da matéria verbal. Cada texto, na sua singularidade estética e na sua energia motivadora, parece pôr em realce a tensão do eu poético, quer nos apelos naturais da substância factual, quer no sortilégio incontornável da forma artística.

Logo no primeiro poema, “Daquelas confissões”, o lance de dados acolhe o acaso, e os versos vão fluindo por entre o contraditório de sua

própria ocorrência, todos atentos às regras do jogo linguístico, mas, sobretudo, focados na angústia de viver e de criar. “Admito minhas dúvidas/e a persuadir, continuei”, enuncia a voz lírica, instaurando, desde já, o conflito central de toda a movimentação poética alimentada pela sequência dos poemas posteriores, dentre os quais destaque, pelo equilíbrio da realização artística, “Dos elementos”, “Negociata”, “Girassóis”, “A dança de Caronte”, “Bodoque”, “Psiquê”, “E.T.C.”, “Memória”, “Caixa postal” e “Causalidade”, ente tantos outros.

Ainda, ressaltando a presença do campo de atuação em que o poeta peleja, o poeta e o homem, melhor dizendo, continua a voz lírica no primeiro poema:

“{...} Feroz, lancei minhas crenças
e o regozijo durou
na tapolagem”,

que, quero crer, sinaliza para a linguagem poética e para a própria vida, culminando assim:

“E o tempo passou,
a angústia, não:
o perigo decretou meus naufrágios
repleto de flibusteiros
de verdades prestas
de tantos suspiros

Admito”.



- › Com esta convicção, ao mesmo tempo crítica e sem complacência, o poeta vai jogando suas cartas ou rolando suas fichas na casa da tavolagem, ou, dito de outra forma, na morada da poesia, apostando suas posses sem temer as tramas inesperadas da vida nem muito menos as trapaças da palavra.

Vou transcrever outro poema, por acaso: “Caixa postal”:

“Envio-lhe o silêncio,
nenhuma nota a mais

meus pertences despediram-se
de suas amarras

quando o retorno for proposital,
outro bilhete
fará sentido”.

Hernane Borges de Barros Pereira, aqui, como em outros momentos, expõe a sua técnica, trilhando, como sempre, as tensões que subjazem aos conflitos emotivos, sem se diluir no confessionalismo sentimental nem se iludir com os equivocados hermetismos em que tantos se comprazem.

Aliás, o seu verso, em sendo discursivo e ainda que jogue com a subjetividade e com as emoções, deixa-se quase sempre podar pelo limite exato da expressão, pelo primado da economia lexical, pelo ritmo contido, onde silêncios, vazios e pausas funcionam semanticamente no sentido de ativar a elaboração poética. Elaboração poética que funde vida e linguagem. Confira, leitor, estes versos: “Tudo cabe,/exceto na memória” (p. 15); “Oh, senhora!/Devolva-me o silêncio,/dor e alma” (p.41); “Não carrego lembranças/e nada tenho a perder,” (p. 50); “Que o frio das longas ruas/não despiste minha ternura” (p. 54), e mais este curto e incisivo poema, intitulado “Olheiras”:

“Já é tarde para quase tudo
Já não estou para guardar segredos,
senão o que sobrou do pão,
o sobejo do vinho
e nenhuma lágrima.
Mas a fome levou-me a sonhar”.

T. S. Eliot, no emblemático ensaio, “Talento e tradição individual”, exige da lírica o esforço de



despersonalização e a fuga da emoção enquanto diretrizes da genuína criação poética. A despersonalização residiria no fato de que, falando de si, o poeta fala de todos, transformando a emoção individual em vivência universal. A fuga da emoção, por sua vez, não consistiria em eliminar a emoção, o que seria um absurdo, mas, em certo sentido, domá-la, para que suas águas não transbordem da medida precisa do poema,

logicamente porque o poema é o lugar onde a emoção humana se converte em emoção estética.

Incorro nesta digressão teórica, para afirmar que o poeta baiano, Hernane Borges de Barros Pereira, habita essa seleta tradição no espaço da poesia que se faz na terra de Castro Alves, hoje tão bem representada, entre outros, por nomes como Ruy Espinheira Filho, Florisvaldo Mattos, Ildásio Tavares, Antonio Brasileiro, Myriam Fraga, Luiz Antonio Cajazeiras Ramos e Roberval Pereyr. ❖

Hildeberto Barbosa Filho é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

Ariano:

REI E PALHAÇO EM 'Suassuna – O Auto do Reino do Sol'

Ester Suassuna Simões
Especial para o *Correio das Artes*

Já se passaram cinco anos desde a triste visita de Caetana, em 23 de julho de 2014, e Ariano Suassuna tem feito muita falta. O consolo é lembrar que vozes como a dele, na verdade, não nos deixam por completo e, mesmo encantado, Ariano segue presente e relevante, ainda à frente de sua missão. Nesse sentido, dois exercícios têm sido constantes: o de agradecer pelo tempo que tivemos de convivência física com ele e o de prestar atenção, sempre que possível, aos indícios de sua permanência e consequente potência transformadora.

Entre esses indícios, está a bela peça *Suassuna – O Auto do Reino do Sol*, homenagem da Produtora Sarau aos 90 anos do escritor, que seriam completados em 16 de junho de 2017, semana de estreia da peça no Teatro Riachuelo, no Rio de Janeiro.

Com texto de Braulio Tavares e direção de Luiz Carlos Vasconcelos, a peça é encenada pela Companhia Barca dos Corações Partidos e passou pela capital da Paraíba, em apresentação única, no dia 17 de agosto deste ano. Como nos outros espetáculos da Cia. (*Gonzagão – A Lenda; Ópera do Malandro; Auê; Macunaíma*), a música é elemento essencial desse trabalho, cuja direção musical é assinada por Chico César, Alfredo Del Penho e Beto Lemos.

O projeto não pretende ser uma biografia de Suassuna, mas, sim, uma grande celebração de seu universo artístico. Conta a história de um grupo de circo que se apresenta pelo sertão enquanto procura o caminho para a cidade de Taperoá, onde fará um espetáculo em homenagem ao “poeta Suassuna”. No caminho, a trupe passa por terras marcadas por um conflito antigo entre duas famílias inimigas: os Moraes e

SILVANA MARQUES / DIVULGAÇÃO



▶ os Fortunato. No seio da guerra, nasce um amor proibido entre o neto de uma Fortunato e a sobrinha de um Moraes.

Ariano dizia que se via como que dividido em dois hemisférios complementares forjados por duas figuras fundamentais: o Rei e o Palhaço. Em *Suassuna – o Auto do Reino do Sol*, estão bem representadas essas duas faces do poeta. Do lado Rei, os figurinos são escuros, trata-se dos conflitos sertanejos, das disputas por terras e poder que movem personagens como Antônio Moraes (Ricca Barros) e Eufrásia Fortunato (Adrén Alves); mas também se celebra a resistência do povo sertanejo, sua bravura e talento na força de um arraial que ameaça os poderosos, o Soturno.

No núcleo do circo-teatro, com figurinos que vibram em cor, está reverenciado o hemisfério do Palhaço, aquele que Suassuna dizia dar uma cambalhota a cada vez que a seriedade, e uma certa angústia, tentavam dominá-lo.

Liderado por Sultana (Adrén Alves), uma “astróloga, bailarina, clarividente, consultora tântrica e micro-empresária”, o grupo do circo tem dois palhaços, Escaramuça (Eduardo Rios) e Cabantõe (Renato Luciano). Os dois conquistam rapidamente o público, que se rende às gargalhadas ao acompanhar uma dinâmica que é um pouco de João Grilo e Chicó, sendo também de Dom Quixote e Sancho Pança – com direito até a um Rocinante (Fábio Enriquez) –, e tantos outros. São esses mesmos dois atores que, despidos dos palhaços, em uma cena de sonho, emocionam ao lembrar que Suassuna é também – e talvez acima de qualquer coisa – um grande devoto da *Compadecida*.

Unindo os dois hemisférios, está a história de amor de Lucas Fortunato (Alfredo Del Penho) e Iracema Moraes (Rebeca Jamir). Ele, um valente vaqueiro repentista, que tem horror às brigas que envolvem sua família, e ela, uma moça da cidade que se deixa, aos poucos, transformar pelo amor e pela arte. “Você se incomoda de nos conhecermos assim, sem ninguém para nos apresentar?”, diz Lucas a Iracema, exatamente como disse Ariano à esposa Zélia, em agosto de 1947, quando se conheceram. É, portanto, de amor eterno, desafiador da morte, que se fala aqui.

O texto de Braulio Tavares é todo assim, permeado por citações de Suassuna, o que permite ao público várias camadas de recepção. Talvez um espectador atento identifique, logo no início da peça, um trecho do *Romance d’A Pedra do Reino*, do folheto ‘A Visagem da Moça Caetana’, dito por três figuras de retirantes, que têm algo de bruxas, de parcas. Outros certamente re-

conhecerão fragmentos do *Auto da Compadecida*, da *Farsa da Boa Preguiça* – talvez no personagem Chico de Rosa (Beto Lemos), que é grande defensor do ócio criador –, de *Uma Mulher Vestida de Sol*, de *Fernando e Isaura...* ou mesmo de alguma história que Suassuna contava em suas aulas-espetáculo e entrevistas.

Para os leitores de Ariano, a peça se ilumina constantemente do sentimento de reconhecimento e a emoção vai se construindo também nos detalhes das referências. Para aqueles que, talvez, não sejam tão familiarizados com seus textos, ela é um convite ao encanto e à descoberta de um autor que, mesmo que muito admirado, talvez seja ainda pouco lido.

Pessoalmente, posso dizer que, quando assisti à peça, experimentei uma sensação forte de ausência-presença. Por muitas vezes, lamentei que Ariano não estivesse ao nosso lado na plateia – teria se emocionado aqui e ali? Teria rido com os palhaços, com o Dom Quixote? Acho que sim. Que falta que ele faz, esse nosso oráculo! Mas aí me ocorria que, na verdade, ele não precisaria estar sentado do lado de cá porque estava o tempo inteiro no palco. Saltava na minha frente a cada vez que eu reconhecia uma das muitas citações que surgiam, mais ou menos ocultas, entrelaçadas no lindo texto e em tantas músicas maravilhosas.

Não precisou que o espetáculo fosse uma biografia ou a montagem de uma de suas peças – certamente ele estava ali... no circo, no sertão dos arraiais, no riso arrancado do público. Ariano vive em momentos assim! E sua voz ressoa forte para quem ainda quer ouvir.

Que o tema da Estrada inspire esta Barca a seguir em frente, emocionando quem cruza seu caminho e nos ajudando a lembrar que aquele falso profeta, insone, extraviado, tinha razão quando duvidou da própria morte! ◀

Ester Suassuna Simões é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, onde desenvolve tese sobre a obra de Ariano Suassuna.



Poeta, crítico e tradutor:

A VIDA E A OBRA DE FERNANDO PY

*Depoimento a
Sérgio de Castro Pinto*

Poeta, contista, crítico literário e cronista. Aos 84 anos - completados no último dia 13 de junho -, o carioca Fernando Py segue produzindo. Recentemente, publicou um novo livro de "jornalismo literário", como costuma denominar seus apontamentos de crítica, chamado *Raízes* (Editora Ibis Libris). Neste depoimento ao poeta paraibano Sérgio de Castro Pinto, Fernando Py fala sobre sua produção poética e sobre as atividades como crítico literário e tradutor. "Em geral, não gosto de falar ou escrever sobre mim mesmo, seja por timidez, preguiça ou por achar que aquilo que faço não tem a importância que os outros me atribuem. De todo modo, vamos lá":

POESIA

Quando passei a me dedicar mais ao gênero, não tinha ainda a noção de que aquilo seria fundamental na minha criação literária. Escrevia contos, sem qualquer valia quase, mas aos poucos a inclinação pelos versos foi se tornando mais forte, mais consistente e, a partir de 1960, ficou essencial. Escrevia poemas sobre tudo o que me atingisse, ou me seduzisse, e fui, a passos lentos, adquirindo mais firmeza, mais solidez. É verdade que sempre li muita poesia, leitura que também se foi fazendo mais seletiva, e nunca pude deixar de me influenciar por escritores e poetas mais antigos, brasileiros ou não. Dentre os brasileiros, a influência maior foi a de Drummond, mas também me influenciaram Augusto dos Anjos, Jorge de Lima e Cecília Meireles; posteriormente, Joaquim Cardozo, João Cabral de Melo Neto etc. Dentre os estrangeiros, em ▶



**Aos 84 anos,
Fernando Py
segue produzindo.
Acaba de publicar
'Raízes', livro
que reúne
alguns de seus
apontamentos de
crítica**

▶ primeiro lugar, os portugueses – Camões, Fernando Pessoa. E dos franceses, Baudelaire e Rimbaud. Outros ainda me influenciaram, mas a relação é vasta e talvez ignorada inconscientemente.

Seja como for, quando cheguei à terceira coletânea de poemas (*Vozes do Corpo*, 1981) já me considerava maduro e julgava dispor de uma expressão pessoal, inconfundível, principalmente na análise psicológica de sentimentos e emoções (poemas 'Duplo', 'Psicobiografia' e outros), bem como no repúdio à Ditadura Militar e às condições deprimentes da política em geral ('Incêndio clandestino', 'Duro canto' etc.). Por outro lado, foi tomando corpo a poesia erótica, já esboçada na segunda coletânea de poesia: *A Construção e a Crise* (1969). E textos como 'Sangue natural', 'O menino velho', 'Demônio da poesia' e muitos outros me renovavam o gosto pela análise psicológica, agora já expressa com maior desenvoltura e firmeza de expressão.

Tanto em *Sol Nenhum* (1998) como em *Sentimento da Morte* (2003), o que apresento é, essencialmente, a cristalização definitiva da minha poesia. Passei, então, a me exercitar em formas fixas, sobretudo sonetos e sextinas, de onde extraio assonâncias inusitadas (como em 'Tango' ou 'A constante captura'). O tema da morte já alcança maior relevo, com um poema de valor ("Sentimento da morte") associado a outros que ora refletem sobre o amor, a velhice e o que nos espera após a morte ('Perdas', 'Indagações'), ora se reportam a amigos e conhecidos mortos ('Ribeiro Couto', 'Lembrança de Giles') etc.

Devo, porém, ressaltar a aventura de palavras que é o longo poema *Antiuniverso* (1994), no qual, tendo como ponto de partida a astronomia e aspectos da física nuclear, examino principalmente o problema do tempo e seu decorrer na vida humana. Trata-se de um poema enorme – quase mil versos – único em minha obra, e que tanto pode significar a contínua preocupação e adensamento com a prospecção psicológica, quanto o registro máximo de minhas virtualidades como poeta e pessoa humana. Em 1995,

o poeta e antologista argentino Carlos Alberto Prato (1935-1998), que então residia em Petrópolis, traduziu integralmente o *Antiuniverso* para o castelhano, tradução inédita até hoje. No entanto, guardo o manuscrito dele, bem como uma versão digitalizada que fiz. Quando, em 2009, deixei de escrever poesia, minha esposa havia acabado de falecer (julho) e resolvi atribuir a essa morte o fato de abandonar a poesia, dizendo a todos que a esposa teria levado consigo a minha inspiração. Na verdade, a afirmativa era falsa. Deixei a poesia por julgar impossível escrever algo superior (em valia, não em tamanho) ao *Antiuniverso* e, assim, não precisava mais fazer poesia. Passei a escrever contos, poemas-em-prosa, crônicas e crítica literária.

CRÍTICA LITERÁRIA.

Antes mesmo de publicar meu primeiro livro de poesia (*Aurora de vidro*, 1962), comecei a colaborar na revista *Comentário*, em 1961, escrevendo resenhas de livros. Nada demais, eram simples textos redigidos sem muito critério, apesar de bem escritos. Entretanto, aquilo me acabou dando estímulo para prosseguir na tarefa e, em outubro de 1962, publiquei, na revista paulista *Convívium*, um longo texto sobre o romance *O Valete de Espadas*, de Gerardo Mello Mourão. Embora ainda não

"Deixei a poesia por julgar impossível escrever algo superior (em valia, não em tamanho) ao 'Antiuniverso' e, assim, não precisava mais fazer poesia"

fosse propriamente crítica, e sim uma resenha mais desenvolvida, o texto agradou a muita gente, o que me levou a reproduzi-lo no *Jornal de Letras* carioca, com algumas alterações que me pareceram bastante pertinentes. E depois o acolhi no meu primeiro livro que englobava textos com um mínimo de análise literária (*Chão da Crítica*, 1984). Nele fiz alguns acréscimos e o considerei sob forma definitiva.

Vinte anos antes, Homero Sena já me convidara para fazer resenhas de livros no *Correio da Manhã* e, a partir de 1963, comecei a fazer o mesmo para a revista *Cadernos Brasileiros*. Julguei-me, então, bem calçado na matéria, ainda mais que lia bastante sobre teoria crítica e poética. Todavia, em 1964, Fausto Cunha lançou *A Luta Literária*, extraordinário volume de textos críticos e teóricos que me deixaram deslumbrado, a ponto de considerar o livro uma espécie de Bíblia para mim, imagine! Mas o fato é que essa obra me abriu os olhos para certos caminhos críticos que eu desconhecia e muito aprofundou meus conhecimentos. Aos poucos, fui me assenhorando do gênero, fui me tornando capaz de desenvolver inclinações que antes ignorava.

Tive ocasião de prestar um depoimento sobre o assunto, refletindo que o fato de ser poeta me fazia mais disposto à crítica, mais apropriado para a análise do fato poético e literário em si. Assim, acabei chegando, já nos anos 1990, a uma posição de destaque, aqui em Petrópolis (RJ), que nunca me passara pela cabeça. Logo me ocorreu a comparação com Aristóteles, quando, na Idade Média, se afirmava que ele era o *magister*: tudo o que ele dizia era lei. É claro que isso me assustava, pois nunca me achei assim, e só achava graça ao pensar nessa comparação. E me sussurrava, para diminuir a possível vaidade, que eu era o único a fazer crítica literária em Petrópolis... De todo modo, desde que passei a dispor de uma seção própria nos jornais daqui, o meu nome se consolidou também em outros locais e estados brasileiros. Entre 1978 e 1992, colaborei em São Paulo (*Jornal da Tarde*), Porto Alegre (*Correio do* ▶

► *Povo*) e Belo Horizonte (*Estado de Minas*). E de 1982 a 1990, escrevi comentários sobre livros na revista portuguesa *Colóquio-Letras*.

Contudo, desde 1962 já pensava num levantamento geral de toda a obra publicada de Carlos Drummond de Andrade. Porém, só comecei de fato a pesquisa em julho de 1965. O trabalho arrastou-se até fevereiro de 1979; nesse meio tempo, várias vezes estive na Biblioteca Nacional, outro tanto em Belo Horizonte, mas não pude ir a Itabira. Também consultei o próprio poeta, cujo apartamento em Copacabana frequentei nos anos 1960. À medida que a busca se intensificava, muitos amigos escritores me ajudaram, principalmente Homero Senna e Gilberto Mendonça Teles. Finalmente, em 1979, dei por finda a pesquisa, que teve como datas limites os anos de 1918-1930. *Bibliografia Comentada de Carlos Drummond de Andrade 1918-1930* saiu em março de 1981 mas, a meu pedido, com data de 1980, para coincidir com o cinquentenário de edição de *Alguma Poesia*.

O livro chegou a ter uma segunda edição, em 2002, aumentada, incluindo os anos de 1931-34. A repercussão foi instantânea e bastante favorável. Chegaram a dizer que o trabalho era pioneiro nos estudos sobre Drummond. Isto me reforçou a intenção de editar livros com seleções das minhas resenhas críticas. Porém, antes de publicar o primeiro livro depois de *Chão da Crítica*, eu e Pedro Lyra nos dividimos na elaboração de um volume sobre Drummond para a coleção *Nossos Clássicos*, da Editora AGIR: *Carlos Drummond de Andrade – Poesia* (nº 118, 1994). E, em 2003, o mesmo Lyra editou, por conta própria e com minha anuência, um volume com todas as minhas resenhas sobre seus livros: *Uma poesia dialógica: nove resenhas da obra de Pedro Lyra* (Fortaleza: Editora da UFC).

Somente em 2007 saiu meu segundo livro de crítica literária: *Escritores Goianos*. Desde então, publiquei mais três volumes do gênero: *Os Limites da Criação* (2012), *Jornalismo Literário* (2017) e *Raízes*. Para encerrar as observações sobre crítica literária,

quero deixar claro que, desde a primeira coletânea, recolho também artigos bem desenvolvidos, verdadeiros ensaios, como os sobre 'Joaquim Cardozo' e 'Novelas da Masmorra' (em *Chão da Crítica*), 'Alegoria e antiutopia em José J. Veiga' (*Escritores Goianos*), 'Alguns aspectos de Júlio Verne', 'Gullar: a luta contra a linguagem' e 'Questionar Deus?' (*Os Limites da Criação*) e 'A poesia de Gerson Valle' (*Raízes*).

TRADUÇÃO.

Quando publiquei meus primeiros livros de tradução (dois volumes de André Maurois para a Nova Fronteira) ainda não dominava bem a idéia de traduzir. Porém, aos poucos, ia me orientando melhor dentro das minhas possibilidades, justo pelo exercício do gênero. Assim, traduzi livros de Saul Bellow (*O Legado de Humboldt*), Marguerite Yourcenar (*Dez e Meia da Noite no Verão, A Vida Tranqüila* etc.), Edgar Wallace (*O Círculo Vermelho*), George Painter (*Marcel Proust*), Balzac (*A Pele de Onagro, O primo Pons*), Alexandre Dumas (*Os Três Mosqueteiros*), além de volumes de ensaios e livros de divulgação científica.

Considero que a minha maior realização na matéria foi mesmo a tradução integral do romance *À La Recherche du Temps Perdu*, de Proust. Em 1990, por indicação do escritor piauiense Assis Brasil, a Ediouro me propôs a tradução. Devido a compromissos já assumidos, só pude iniciar a tarefa em maio do ano seguinte. Posso dizer que lia Proust desde 1959. Imediatamente me apaixonei pela obra e comentei com colegas da faculdade que um dia ainda iria traduzi-la. Era apenas um sonho, pois eu jamais traduzira livro nenhum e mantinha noções muito incorretas sobre o trabalho de tradução.

Por mais boa vontade que tivesse, não estava, de modo algum, preparado para traduzir fosse o que fosse, muito menos um escritor como Proust. Para me atrever a traduzir *À La Recherche du Temps Perdu*, não apenas traduzi vários livros em francês, o que certamente me forneceu tarimba no *métier*, mas também outros

livros do próprio Proust: a miscelânea *Les Plaisirs et Les Jours*, a novela *L'Indifférent* e o romance *Jean Santeuil*. Assim, quando aceitei a tradução da obra máxima de Proust, julguei-me devidamente preparado para a tarefa. Mas ainda não me conscientizara para o enorme abismo de redação, fatura e, principalmente, densidade psicológica existente entre *Jean Santeuil* e a *Recherche*.

Já sabia que traduzir era, basicamente, interpretar. Mas descobri que interpretar, no caso de Proust, exigia uma adaptação dos hábitos mentais da pessoa que traduz. Exigia que o tradutor se colocasse na situação de ler o texto proustiano como se fosse o próprio Proust, ou melhor, mantivesse um diálogo mental com Proust, pense como ele, sinta como ele, *seja* ele. Não trabalhando assim, o tradutor costuma optar pelo caminho mais confortável, ou então ao contrário, abre mão da tradução por considerá-la inatingível. Porém, no caso da *Recherche*, a atitude de diálogo mental com o autor, além de radical, é absolutamente adequada para levar a tradução a bom termo.

Pois traduzir Proust não é o mesmo que traduzir um autor de *best-sellers*, por exemplo, no qual o que menos importa é o estilo e a técnica é sempre igual. A *Recherche*, além de ser uma obra enorme em tamanho, é escrita em estilo cerrado de períodos compactos, com frases caudalosas porém de grande ondulação musical e técnica peculiar, dotada de pausas e estiramentos significativos. Por reconhecer tudo isto, fiz à Ediouro uma única exigência: que minha tradução não tivesse prazos para entrega definitiva. Assim, desejava resguardar-me contra a pressa, que inevitavelmente piora toda e qualquer tradução e, no caso de Proust, seria um desastre. Pois é claro que o texto traduzido teria obrigatoriamente que lembrar o texto original, mantendo suas características fundamentais: frases longas, períodos quilométricos, sonoridade musical, pausas intencionais etc.

A leitura de Proust é bem mais fácil do que pode parecer à primeira vista. Apenas, para quem não o conhece, é necessário lê-

► -lo pausadamente, No máximo uma ou duas páginas por dia, e desse modo ir penetrando na sua maneira de ser e escrever, no seu estilo inconfundível, até chegar a dominar a leitura, e só então ler correntiamente a sua obra, exercício indispensável para aprimoramento da sensibilidade. Agora, a tradução de Proust para o português demanda, antes de tudo, não somente um grande conhecimento do idioma francês, como é natural, mas também uma profunda noção do português falado e escrito no Brasil. Digo isto porque a tradução da *Recherche* anteriormente publicada entre nós não teve esse cuidado, não tendo conseguido uma uniformidade de estilo visto que foi entregue, sucessivamente, a quatro tradutores diversos após a desistência de Mário Quintana: Manuel Bandeira, Lourdes de Sousa Alencar, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia-Miguel Pereira. Portanto, tendo cada qual o seu estilo e sua técnica de escrever, isto prejudicou a unidade da obra traduzida.

É evidente que o fato da Ediouro ter entregue a tradução a um único tradutor eliminou, em princípio, o perigo da falta de unidade estilística. Por outro lado, conferiu uma responsabilidade imensa ao tradutor único, o qual, sem a qualidade dos que assumiram a versão anterior, “teve de se virar” para produzir, em português brasileiro, um texto não só palatável, mas que também mostrasse um mínimo de qualidade e “proustianidade”. Tive de fazê-lo, é claro, cheio de dúvidas e até mesmo de erros. A tradução foi feita inteiramente em máquina de escrever. Quando iniciei o trabalho, a Ediouro me ofereceu, por empréstimo, um computador. Porém eu nunca lidara com semelhante instrumento e achei que seria perigoso demais enfrentar, ao mesmo tempo, Proust e o computador. O resultado é que levei quatro anos para terminar a tarefa. Hoje, no entanto, utilizando normalmente o computador, é certo que economizaria pelo menos um ano. E, por mais que gostasse de Proust e sentisse que estava realizando um sonho da juventude, o trabalho me cansava. E cometi vários

Fernando Py nasceu no Rio de Janeiro em 13 de junho de 1935 e, lá, morou até 1967, quando mudou-se para Petrópolis, onde vive até hoje. Formado em Direito, foi tradutor, revisor e redator de verbetes em dicionário e enciclopédias (1966 a 1976). Traduziu vários escritores, entre eles Marcel Proust, Marguerite Duras, Saul Bellow, Balzac, Alexandre Dumas e Edgar Wallace. Desde 1999 assina a coluna ‘Literatura’ na Tribuna de Petrópolis, desde 1999. Publicou mais de 20 livros de poesia, contos, crítica literária e crônicas e seus poemas já foram traduzidos para o espanhol, francês, italiano, alemão e inglês. Pertence a Academia Brasileira de Poesia – Casa Raul de Leoni e Academia Petropolitana de Letras.

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Alexandre Dumas



Edgar Wallace



Marguerite Duras



Balzac



Marcel Proust



Saul Bellow

erros, seja por distração, seja de puro cansaço.

Apesar dos meus receios, a tradução foi tão bem recebida pela crítica e pelo público que a editora se animou a publicar uma segunda edição. Esta saiu em três volumes e, felizmente para mim, a Ediouro me contratou para proceder a uma revisão geral e minuciosa. Levei um semestre intei-

ro nesse trabalho; posso garantir que a segunda edição é bem superior à primeira. Em 2016, a Nova Fronteira fez a terceira edição, apenas reproduzindo a segunda. Mesmo tranqüilizado com a boa vendagem da *Recherche* traduzida e a excelente acolhida da crítica, acho que poderia melhorar ainda mais o texto se me fosse dado fazer uma nova revisão. ❖

Sérgio de Castro Pinto nasceu em João Pessoa (1947), onde reside. É poeta, jornalista e professor de literatura brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É, ainda, formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFPB. Além de *Longe, daqui, aqui mesmo: a poética de Mário Quintana e A casa e seus arredores* (ensaios), publicou vários livros de poesia, entre eles, *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito e outros poemas* (1983), *O cerco da memória* (1993) e *Zôo imaginário* (2005).

Roubaram meu Santo Antônio!

Thomas Bruno Oliveira
Especial para o *Correio das Artes*

Foi n'um dia de Santo Antônio que o caso foi elucidado.

Certa vez, um advogado, conhecido intelectual da cidade, foi trabalhar e se encabulou com o que viu. Costumeiramente, chegava ao seu escritório lá na Rua da Estação, dava bom dia à secretária na antessala – ela já havia deixado tudo assado e com aquele cheirinho de pinho – e seguia para o seu escritório. Sentava na confortável poltrona e logo pegava os jornais já dispostos em seu *bureau*, lia as manchetes.

O primeiro era sempre o Diário da Borborema, onde não só lia as chamadas, como o artigo de Stênio Lopes, amigo por quem tinha muita estima. Depois era a vez de **A União**, O Norte, Gazeta do Sertão e só perto da hora do almoço, recebia o Diário de Pernambuco, Folha de São Paulo e o A Tarde. Tu gasta demais! P'ra quê tanto jornal? Questionava, sem sucesso, sua mulher.

Gastava uns vinte minutos nessa breve leitura inicial. Solitário (não gostava que ninguém o incomodasse), dobrava os jornais, dava um giro na poltrona, observava todo o escritório, aqueles tons e contrastes que os móveis em cerejeira davam na presença dos livros



ILUSTRAÇÕES: TONIO



e seus objetos, sua máquina de escrever; respirava fundo em agradecimento por mais um dia. Aquele ritual o fazia muito bem.

Hora de tomar um cafezinho... Mas o quê? Onde está meu Santo Antônio? Levantou depressa, subiu o escadim, remexeu os livros... Não encontrando a imagem, puxou um pouco uma das estantes. Teria caído atrás? Não. Logo foi perguntar a Dorinha: – Alguém entrou aqui? Cadê meu Santo Antônio? – Entrou não doutor, tenho certeza.

Mesmo contrariado, prosseguiu com sua rotina matinal. Atravessou a rua, caminhou pela pracinha até a Confeitaria. Ali encontrava seus pares do Gabinete de Leitura, além de jornalistas, advogados, profissionais liberais, etc., tomava café e batia um bom papo. Seu melhor amigo, um dos maiores tribunos da cidade, o questionara: – Estás inquieto confrade, o que se sucede?

Ele puxou o amigo para um canto (temendo galhofas!), pinçou com os dedos a ponta do bigode, enrolando-o, ao mesmo tempo que segurou o nó da gravata; esticou um pouco o pescoço, balançando-o, e disse: Perdi meu Santo Antônio! – Como é rapaz? – É sério! Logo ele, presente da minha avó quando ficou viúva, menos de um ano depois casei com Mariinha... era todo em madeira maciça, olhinho de vidro que chega alumia. Rapaz, tinha muito ciúme dele! Espera... Pegou um guardanapo e improvisou a sextilha: Roubaram meu Santo Antônio/ Sorte que eu me casei/ Quem já viu, que safadeza/ Roubar meu santo, pensei./ Deve estar desesperado/ Muito triste, abandonado/ Uma prece na certa farei!

Os dias se passaram e nada do santo aparecer.

Pensou em comprar um para o lugar, mas supersticioso: só ponho outro santo no lugar se ganhar; comprando, não terei a mesma bênção. Certo dia, conversou com Dorinha, chegou a desconfiar de sua funcionária. Tente lembrar Dorinha, o que você fez antes de minha chegada naquele dia? – Fiz nadinha, só fui à calçada da Praça receber seus jornais, o entregador parou a bicicleta e foi fazer as entregas, antecipei e fui buscar. Mas ora, tantos anos trabalhando para mim, tão dedicada, pensou ele. – Você tem namorado Dorinha? – Tenho sim senhor, dois anos de noivado. Juntando tudo dá três.

Certo dia, uma moça parou na calçada, abandonou uma caixa de sapatos e correu. Dorinha se levantou rapidamente. – Moça, essa caixa não é sua? Cabelos castanhos, reluzentes, de vestido rodado, corria tanto que os calcanhares batiam na bunda. Curiosa, Dorinha pegou a caixa, foi até seu *bureau* e abriu. – Nossa! Doutor, Doutor, venha ver.

Dentro da caixa, o Santo Antônio roubado e um bilhete que dizia: Doutor, me desculpe. Roubei seu Santo Antônio, mas ia devolver como agora estou a fazer. Ele passou poucas semanas no quarto da bagunça, atrás de uma cadeira velha de balanço. Pobrezinho, ficou oculto de ponta cabeça. Fiz uma oração e hoje estou noiva! Me caso semana que vem. Na promessa, eu tinha que devolver, aqui está e minha graça foi alcançada. Amém! O doutor conferiu a imagem, os olhos reluziam, reparou a cocuruta arranhada – e não é que ele ficou de cabeça pra baixo mesmo... Sorriu, pôs o santo em seu devido lugar e guardou o bilhete: Se alguém duvidar, vou ter como provar. ✦

Thomas Bruno Oliveira é paraibano de Campina Grande, historiador, jornalista, cronista do A União e colunista da Revista de Turismo.



Correio das Artes na bienal do CE

PUBLICAÇÃO PARTICIPOU DE RODA DE CONVERSA
COM PERIÓDICOS DE TODO O PAÍS

Muito provavelmente a única bienal de literatura do Brasil a contar com um espaço nacional para conversas em torno de suplementos e revistas voltadas à literatura, a 13ª Bienal Internacional do Livro do Ceará recebeu, na edição deste ano, o *Correio das Artes*. É a segunda vez que a septuagenária publicação da EPC (Empresa Paraibana de Comunicação) participa do evento. A primeira foi em 2006.

Dezoito publicações, entre suplementos e revistas de várias partes do país, participaram das rodas de conversas mediadas pelo escritor cearense Carlos Emílio Corrêa Lima dentro do 5º Encontro de Periódicos Literários Impressos e Eletrônicos, realizado no começo do evento, entre os dias 18 e 20 de agosto – a Bienal seguiu até o dia 25.

Para o atual editor do *Correio das Artes*, o jornalista André Cananéa, foi uma oportunidade de mostrar a gloriosa trajetória do *CdA* – tido como a mais antiga publicação em atividade no país –, ao mesmo tempo em que ele teve a chance de ouvir outras iniciativas e entender o papel dessas publicações, sobretudo as impressas em um mundo hiperconectado.

“Sem sombra de dúvidas, foi um aprendizado muito grande. A troca de informação e ideias que surgiram desse encontro dará um *upgrade* muito importante, não só para o *Correio das Artes*, como, acredito, a outras publicações que lá estiveram, como o tradicional *Suplemento Literário* (MG), *Acrobata* (PI) e *Mallamagens* (RJ). Além de sentir como jornalistas, poetas e escritores olham com muito carinho para a nossa publicação, foi um intercâmbio fundamental para a perpetuação do *CdA* por mais 70 anos, ou mais”, avalia Cananéa.

Para o organizador do encontro, Carlos Emílio, o impresso está voltando à ordem do dia. “Passou aquela fase de muita euforia, de muita ilusão, e o pessoal está voltando, do virtual ao real. O pessoal já se deu conta que aquela água suja eletrônica da internet não é a salvação da lavoura para nenhuma cultura, e nenhuma literatura”, afirma.

Poeta e escritor, Edson Cruz, editor do portal *Musa Rara*, mas ainda muito associado ao extinto *Cronópios*, corrobora com a fala de Emílio: “O que eu percebi desse encontro é que a questão do impresso e do virtual é algo que ainda esta em pauta, com uma ligeira

tendência para o virtual se voltar para o impresso. É o caso da *Musa Rara*, cuja linhagem é toda do virtual, mas o próximo passo é chegar ao impresso”.

CONEXÃO

Algumas iniciativas se destacaram durante o encontro. Da Bahia, o poeta e editor Jorge Augusto da Maia apresentou uma publicação, a *Organismo*, que reúne textos de poetas de todo o Brasil. O diferencial é que cada página pode ser destacada com facilidade. A ideia é que cada leitor seja o editor da obra, destacando os poemas que não julgar digno de compor a publicação.

A utilização do QR Code em veículo impresso foi levantada a partir da fala de André Cananéa. “Passamos a utilizar o QR Code recentemente, mas ainda não chegamos ao potencial da ferramenta. A utilizamos na edição de julho para fazer uma ponte entre texto e a audição de músicas de Jackson do Pandeiro, mas eu propus que os editores gravem poetas declamando seus poemas, por exemplo, para que em matérias que tratam do autor, o leitor possa, além de conhecer o poeta, assisti-lo declamando sua obra a partir dessa conexão que o QR Code faz entre a página do papel e o celular que o leitor, por ventura, tenha em mãos”, detalha. “Caiu como uma luva no contexto das revistas, de perceber que á algo incessante para ser feito”, acrescenta Edson Cruz. ❖

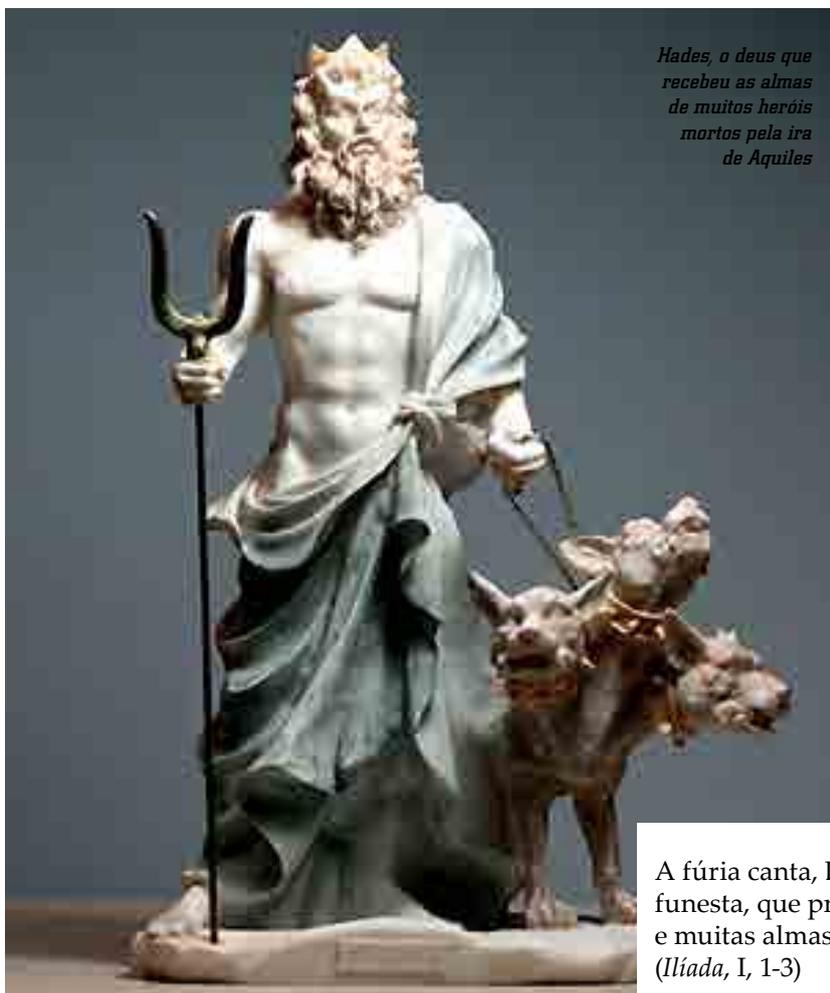
O Proêmio da Odisseia



O *proêmio* é a parte inicial de um poema épico. Como o próprio termo grego diz, “é o que vai à frente”. Trata-se de uma parte constituída de *invocação* e *proposição*, nem sempre nessa ordem, nem sempre possíveis de serem separadas. Na *invocação*, o poeta chama as Musas, inspiração que se encontra dentro dele, conforme o estabelecido por Hesíodo na *Teogonia*, de modo que as deusas possam ajudá-lo, com seu sopro divino renovado, a compor um grande canto em louvor aos heróis. Na *proposição*, sabe-se o qual é o propósito do canto, a qual herói o canto se destina e o que aquele herói deverá ter como objetivo de sua empreitada. Tudo isto de modo sucinto,

visto que as ações ali propostas serão desenvolvidas minuciosamente na *narração*, a parte mais longa do poema. Assim, quem quiser saber como aconteceu e quais as consequências da ira de Aquiles, terá de percorrer quinze mil versos; sobre o retorno de Odisseu, mais treze mil versos; as lutas de Eneias, outros dez mil versos; as viagens do Gama, quase nove mil versos.

Para que possamos falar com mais propriedade do *proêmio* da *Odisseia*, objetivo deste ensaio, falaremos rapidamente de outros *proêmios*, tendo em vista a semelhança da estrutura, remontando a Homero. Na *Iliada*, a primeira palavra do poema é *ira*, no início do primeiro verso, que vai se encontrar com o seu adjetivo *funesta*, primeira palavra do início do segundo verso. A “ira funesta” está associada ao maior dos heróis Argivos (não há gregos em Homero...), Aquiles, o Pelida. Logo, em dois versos, sabemos que o poeta incita a Deusa, uma das Musas, sem dúvida Calíope, a Musa da poesia épica, aquela mesma que Camões invoca no início do Canto III de *Os Lusíadas*, a cantar a ira funesta de Aquiles, filho de Peleu, tendo ocasionado a morte de muitos heróis, razão da ida de suas almas para o Hades:



Hades, o deus que recebeu as almas de muitos heróis mortos pela ira de Aquiles

A fúria canta, Deusa, do Pelida Aquiles funesta, que provocou mil dores aos Aqueus, e muitas almas corajosas de heróis enviou ao Hades; (*Iliada*, I, 1-3)

- Na *Eneida*, de Virgílio, poema do século I a. C., as palavras iniciais do poema são armas (*arma*), herói (*virum*), que deverão ser o motivo do que se canta (*cano*) em celebração e, mais do que isso, em tom profético sobre a fundação de Roma, com Eneias, o rei Troiano, já no poema lançando as bases da altaneira Roma, depois de compelido pelos deuses à fuga de Troia destruída pelos Argivos:

Eu canto as armas e o herói que, das margens de Troia, primeiro banido pelo fado, à Itália e aos litorais Lavínios chegou,

(*Eneida*, I, 1-2)

O verso inicial da *Eneida*, acabaria sendo traduzido por Camões, no *proêmio* de *Os Lusíadas* – “As armas e os barões assinalados” (I, 1), em que *barões* nada mais é do que uma variante, no plural, de *varão*, relativo no poema virgiliano a Eneias, designado pelo termo latino no acusativo, *virum*, que pode ser traduzido por *varão*, herói, homem do sexo masculino, marido, amante... No caso, será o herói. O herói insigne pela piedade – *insignem pietate uirum* –, assim como os barões são assinalados:

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana.

Vê-se, portanto, que as primeiras palavras do poema e que se encontram no *proêmio* determinam o assunto a ser tratado. Não poderia ser diferente com a *Odisseia*, cuja primeira palavra é *andra*, “o homem, o herói”, encontrando logo adiante o seu adjetivo, *polútropon*, “de muitas voltas”, a designar a viagem de retorno de Odisseus

Narra-me, Musa, sobre o homem de muitas voltas, que em extremo
Errou, depois que destruiu a cidadela sagrada de Troia: 01
Viu as cidades de muitos homens e conheceu seu pensamento, 02
Que, sobre o mar, muitas dores sofreu no coração, 03
Lutando pela sua vida e pelo retorno dos companheiros. 04
Mas não salvou os companheiros, embora desejando: 05
Pois pela própria louca presunção deles mesmos pereceram, 06
Tolos! Os bois do Sol de Hipérion comeram: 07
Em seguida, o dia do retorno daqueles foi destruído. 08
Estas coisas, de algum ponto, narra-nos também, Deusa, filha de Zeus. 09

a Ítaca, seu reino e, mais especificamente, o seu lar. Vejamos o que diz o *proêmio* da *Odisseia*, na sua íntegra:

Nesses dez versos, há muito o

que considerar. De início, devemos dizer que o termo *andra*, em grego, acusativo de *anér*, serve a designar apenas o homem do sexo masculino ou o herói, além

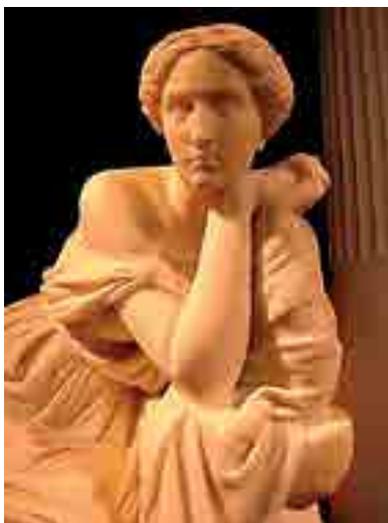
de marido e amante, assim como o termo *vir* do latim. Odisseus é o herói de muitas voltas, *andra polútropon*, tendo em vista o grande périplo que ele faz pelo Mediterrâneo, desde o litoral de Troia, no estreito de Dardanelos ou Helesponto, até bem perto do estreito de Gibraltar, onde se encontra a saída para o Atlântico, e onde, possivelmente, se situava a então ilha de Ogígia, da bela Ninfa Calipso. Herói de múltiplos epítetos, Odisseus é também o *polútlas*, “o que é capaz de muito suportar ou de muito sofrer”; além de ser o *polúmetis*, “o de muita inteligência ou de muita astúcia”. Todos esses epítetos servem para identificá-lo e sintetizam a sua personalidade: ele é o de muitas voltas, jogado aqui para ali pelo mar (o sentido do verbo *errar*, versos 1-2) e o que é capaz de muito suportar, sofrendo a dor do retorno para sua terra (versos 4-5); ele é o de muitas voltas no pensamento, pela sua astúcia em escapar dos perigos do caminho e em conter a desmedida, de modo a fugir de cometer ofensas aos deuses e, então, retornar (versos 5-9). O *anér polútropos* se abre em *anér polútlas* e *anér polúmetis*.

A partir daí se define a *Odisseia* como uma narrativa de retorno. Após vinte anos de ausência (Canto I, versos 170-176) – dez lutando em Troia; dez retornando para casa – Odisseus consegue voltar. O retorno, que já está presente no *proêmio*, através de termos como *nóston* (verso 5) e *nóstimon* (verso 9), imprescindíveis para a definição da narrativa, está desenvolvido dentro do Canto I, com a assembleia dos deuses no Olimpo (versos 76-92), decidindo sobre a volta de Odisseus, e com o canto do aedo Fêmio aos pretendentes (versos 325-327), narrando sobre a triste regresso dos Aqueus. Mas ainda veremos como o retorno existirá nas narrativas de Nestor (Canto III) e de Menelau (Canto IV) ambas a Telêmaco, além da narrativa de Odisseus aos Feácios, que ocupa 4 cantos – do Canto IX ao XII. Retorno necessário para Odisseus operar a reconquista do reino e do lar, ▶

► não sem antes de o herói completar a educação do filho, Telêmaco. A *Odisseia* é também uma *paideia*.

Odisseus é, conforme já vimos, o herói que muito sofre (verso 4), mas também é o que muito aprende (verso 5), vendo muitas cidades de homens e conhecendo seus pensamentos. A ilha de Ogígia e a bela Calipso, ninfa que quer com ele casar-se e o mantém preso por sete anos (Canto V); os Feácios, povos isolados do mar, excelentes remadores que o acolhem e o levam para casa (Cantos VI-XIII); Os Cícones, que tiveram sua cidade pilhada e de onde Odisseus leva um vinho escuro e puro, que lhe fora dado pelo sacerdote Maro, por ter sido poupado; os Lotófagos, que perdiam a memória, pelo hábito de comer o loto; os terríveis Ciclopes, antropófagos, não-comedores de pão e desconhecendo a lei da hospitalidade (Canto IX), a quem Odisseus embreda com o vinho puro que recebera; o antro de Éolo, deus dos ventos, que lhe ajuda com ventos propícios, mas nega-lhe novos ventos, quando Odisseus os perde; os Lestrigões antropófagos, quais os Ciclopes; Circe, a feiticeira que transforma seus companheiros em porcos, mas, apaixonada pelo herói, retorna-lhes a forma primitiva e o orienta como deve proceder para retornar a Ítaca (Canto X); o terrível Hades, onde se encontra com o profeta Tirésias, que complementa os conselhos para o seu bom retorno (Canto XI); os perigos de Cila e Caríades, das Sereias e da ilha Trinácia, onde os companheiros comem dos bois sagrados de Hélios e já não poderão mais retornar (Canto XII).

Todo esse périplo, palavra grega que significa “navegar em torno”, vez que as viagens de Odisseus são pelo mar, traz dor e sofrimento, traz sobretudo a aprendizagem de que o homem não deve se entregar a sua louca vaidade ou louca presunção (*atasthalía*, verso 7) cometendo o descomedimento e ofendendo as divindades. É o que acontece com os seus companheiros que cometem a *húbris*, “excesso”, “descome-



Calipso, a ninfa que manteve Odisseus preso por sete anos

dimento”, em relação aos deuses, ao comer dos bois sagrados do Sol. Todos morrem, o único a retornar é Odisseus, que se manteve na prudência, na *sofrosúne*.

Dois outros elementos chamam a atenção no *proêmio* da *Odisseia*, a utilização dos verbos *ennépo* ou *enépo* e *épo*; e o termo *hamóthen*. O verbo *ennépo* aparece no verso 1 e o verbo *épo*, no verso 10. O *proêmio*, portanto, está delimitado por dois verbos com o sentido de contar, dizer, narrar, de modo a caracterizar o que há de ser dito como essencialmente uma narrativa. A diferença entre os dois verbos é que *ennépo* é formado de *en*, preposição com o sentido de “dentro”, e de *épo*, o verbo. Normalmente, os tradutores optam por traduzir por *falar* (Frederico Lourenço), *recontar* e *contar* (Carlos Alberto Nunes); *cantar* e *começar o canto* (Trajano Vieira), *raccontare* e *dire* (Rosa Calzecchi Onesti), e *dire* (Victor Bérard). Acredito que há uma intenção de que a Musa conte ou narre os acontecimentos que se encontram dentro do poeta, considerando que o sopro das Musas, para dentro da boca do poeta é o que lhe dá a condição de narrar os fatos. Não é fácil colocar este sentido no poema, sem tornar a tra-

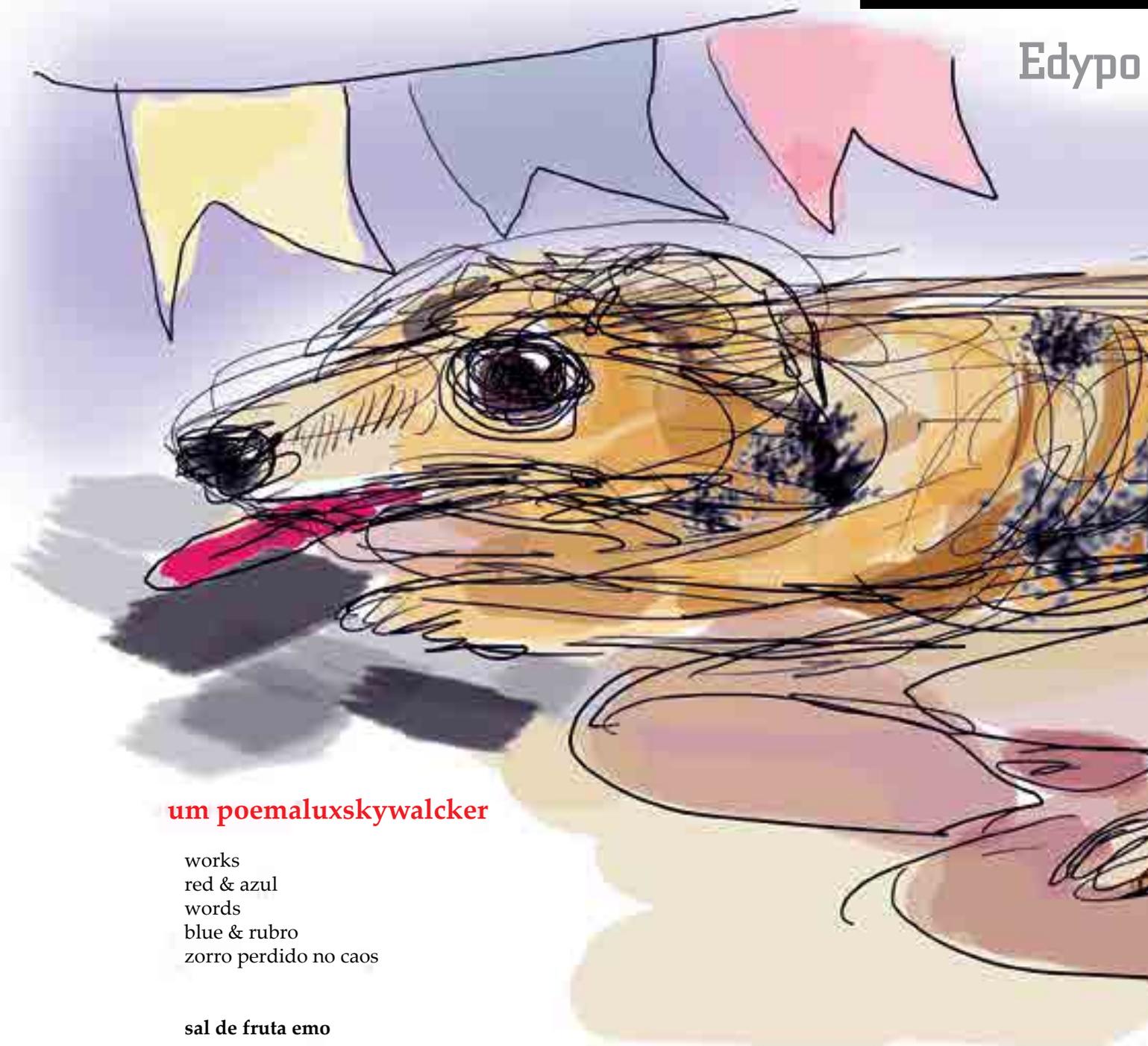
dução prosaica. Daí que uma das traduções possíveis desse verbo é recontar, conforme os sentidos utilizados por Carlos Alberto Nunes e Rosa Calzecchi Onesti. As Musas sopram os acontecimentos para o poeta, *énnepe moi* (reconta para mim), para que ele possa exteriorizar, contando para os demais, o que sai de dentro dele pela ação da divindade – *eípe hémin* (conta-nos). Está aí a descrição da inspiração poética, antes de Hesíodo formular como isto aconteceu, nos versos iniciais da *Teogonia* (versos 26-34).

Por fim, o termo *hámothen*, cujo sentido é “de algum ponto”, “de algum lugar”, e que formula a lição de Horácio, na *Epístola aos Pisões*, conhecida como *Arte Poética*, de que o poema épico começa *in medias res*, no meio das ações. O narrador não só pede a ajuda imprescindível da divindade para poder cantar o seu poema e delimitar o tipo de canto que ele vai fazer, uma narrativa, mas pede, sobretudo, que ela comece de algum ponto, não do início, necessariamente. É exatamente por isto que quando a *Odisseia* inicia, já são passados dez anos desde que Odisseus deixou Troia e sete que ele se encontra em Ogígia, esperando retornar para casa. Os fatos anteriores, não todos, serão conhecidos ao longo da narração e devem ser devidamente encaixados e ordenados pelo leitor.

A leitura detida do *proêmio* nos ajuda, pois, a saber como vai ser direcionado o que se conta e o limite do que se conta: as viagens de Odisseus, conhecendo cidades e povos; seu sofrimento na planície marinha, a louca presunção dos companheiros, que perecem; o seu retorno para casa. Mais: não se trata de um herói que vai em busca de glórias guerreiras, mas de um herói que, tendo aprendido o que é o sofrimento, busca o lar como repouso dessa glória que, ao fim e ao cabo, acaba por tornar-se fastidiosa. ✦

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

Edypo



um poemaluxskywalcker

works
red & azul
words
blue & rubro
zorro perdido no caos

sal de fruta emo

copo celeste
talvez seja
a lua
sal de fruta
:
dissolve-se
até sumir

apostila de introdução à teoria literária

um poeta cuida das palavras
sem metáforas
sem sentimesmo

é uma aberração do aparente
luta, resiliente
contra as leis
&
plackth plockth
as quebra



indecisão

até parece
que quebrou um humpty dumpty
&
fez
omelete

augústia

olha pro chão, meu amor
veja esse cão fedido
olha pra esse semblante de dor
que o verme vai consumindo



Edyppo Pereira é paraibano, formado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor de Literatura no Ensino Médio. *Turbolento*, de onde foram extraídos estes poemas, está no prelo da editora Penalux, de Guaratinguetá (SP). É seu livro de estreia. Mora em João Pessoa (PB).

Som no livro!

AS CANÇÕES BREGAS QUE VOCÊ
ESCREVEU PARA MIM

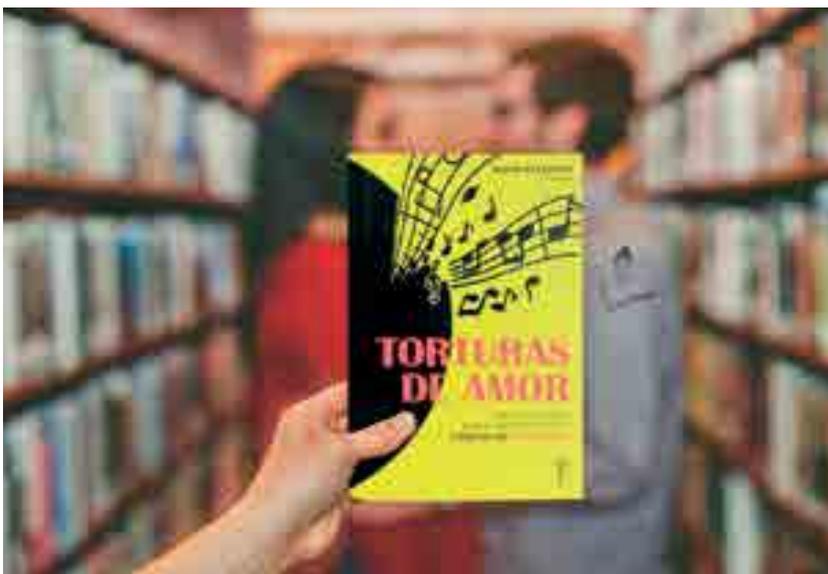
Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Você já me perguntou isso anos atrás e eu respondi, mas respondi meio por alto, e entendo que você não se lembre. Vou contar agora a história completa.

Essas coisas fogem da memória, e quando voltam, voltam com pedaço faltando. A gente tem que ficar checando de novo, completando as versões e, no fim, é como pegar um lençol esburacado e remendar com retalhos de outras cores. O que importa é que o lençol pareça inteiro de novo.

Foi num tempo distante do passado, que você nunca viu nem vai mais ver. Campina Grande era outra cidade, sem essa violência absurda de hoje, em que você corre o risco de perder a vida porque um moleque drogado toma teu celular e te dá um tiro sem a menor necessidade, ou porque um

*Organizada por
Bruno Gaudêncio,
'Torturas de Amor'
é uma coletânea de
contos escritos por 12
autores, inspiradas
em alguns dos
maiores clássicos da
música brega*



*pitboy endinheirado bate no teu carro
e vem tomar satisfações. (...)*

Este, acima, é apenas um trecho de um conto do escritor Bráulio Tavares. E, se vale uma sugestão, leia-o ouvindo a famosa canção brega 'Se meu amor não chegar', de Carlos André. O conto, intitulado 'Eu hoje quebro essa mesa', integra a coletânea organizada pelo escritor Bruno Gaudêncio que acaba de ser lançada pela Editora Penalux. *Torturas de Amor* reúne 12 contos de 12 autores nordestinos baseados em clássicos da chamada música brega.

É um livro para se ler ouvindo as seguintes canções: 'Eu vou tirar você deste lugar' (gravada por Odair José), 'Fuscão preto' (gravada por Almir José), 'A beleza da rosa' (gravada por José Ribeiro), 'Se meu amor não chegar' (de Carlos André), 'Garçom' (gravada por Reginaldo Rossi), 'Tortura de amor' (gravada por Waldick Soriano), 'A cruz que carregou' (gravada por Evaldo Braga), 'Você é doida demais' (Lindomar Castilho), 'Eu não sou brinquedo' (Genival Santos), 'É impossível acreditar que eu perdi você' (Márcio Greyck), 'Eu não sou cachorro não' (Waldick Soriano) e 'Entre esumas' (Roberto Muller).

São canções para se ouvir lendo os contos de Adrienne Myrtes, André Balaio, Astier Basílio, Bráulio Tavares, Bruno Azêvedo, Débora Ferraz, Joana Belarmino, Kátia Borges, Ricardo Kelmer Roberto Menezes, Tiago Germano e Vanessa Trajano.

A sinopse do livro explica, com clareza, a proposta da obra. *Torturas de Amor - Contos de Autores Nordestinos Baseados em Clássicos da Música Brega* é uma coletânea de narrativas curtas dedicadas a um estilo musical que até hoje é sinônimo de mau gosto. No auge de sua repercussão, ocorrido nas décadas de 1970 e 1980, havia por parte das gravadoras uma visão do qual eram denominados os chamados artistas de prestígio e artistas comerciais. Em muitos casos, as vendas do segundo grupo bancavam as experimentações es-

▶ téticas do primeiro.

No primeiro grupo estavam os chamados medalhões da Música Popular Brasileira (MPB), a exemplo de Chico Buarque de Holanda, Elis Regina, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Milton Nascimento. No segundo grupo, artistas populares, como Evaldo Braga, Waldick Soriano, Odair José, Lindomar Castilho, entre outros. E são justamente algumas canções compostas e gravadas por este segundo grupo, chamados de bregas, que inspiraram alguns dos principais contistas nordestinos dos últimos tempos, no arranjo desta coletânea inédita de contos.

Bruno Gaudêncio, organizador da obra, lembra que há uma tendência, de uma ou duas décadas para cá, da realização de trabalhos que relacionam música e literatura, principalmente a publicação de coletâneas de contos a partir de canções. Beatles, Noel Rosa, Renato Russo, Chico Buarque, por exemplo, já tiveram projetos neste sentido.

“Como desde criança escuto brega brasileiro-nordestino, é perceptível o lado narrativo das canções gravadas por nomes como Genival Santos, Odair José, Fernando Mendes, Reginaldo Rossi, entre outros. A maioria artistas nordestinos é bastante marginalizada dentro da história da música brasileira. Então, juntei o útil ao agradável. Pensei: que tal casar contistas nordestinos com algumas destas canções? Veio a ideia”, detalha.

Segundo Bruno, tanto os autores como a editora adoraram a proposta desde o início. “O próximo passo agora é conquistar os leitores. Os que já conheceram a proposta empolgaram-se com a ideia. Espero, realmente, que o público possa gostar das narrativas que, aliás, a maioria é muito divertida”, declara, acrescentando que muitos dos contistas escutam bastante na infância, ou maturidade, músicas bregas. “Quase todos continuam escutando música brega até hoje. Todos possuíam suas canções preferidas”.

Bruno explica que fez uma lista de 40 canções. Para isso, juntou as suas preferidas e fez algumas pesquisas na internet com pessoas que são admiradoras do gênero.



Escolhida as canções, foi a vez de pesquisar também autores nordestinos, já que a proposta sempre foi escolher 12 contistas como os discos de vinil de antigamente. “Procurei, de início, nomes dos nove estados, mas infelizmente achei alguns nomes inexpressivos em alguns estados, outras vezes recebi uma negativa como resposta (geralmente autores ocupados com outros projetos). Então acabou que alguns estados ficaram mais evidenciados. Mas, temos na coletânea, autores do Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia. Procurei também certa igualdade entre homens e mulheres. Porém, tive algumas desistências ou recusas, e acabou que ficaram sete homens e cinco mulheres”, informa.

Foram três anos para execução do projeto, desde a primeira proposta e da conversa com a editora. Depois, seleção das canções e dos autores e os convites. “Como eu estava envolvido em outros projetos, acabei demorando um pouco mais. Mas acho que ficou legal o resultado”, frisa.

Os critérios utilizados na escolha dos escritores: local de nascimento, reconhecimento como contistas, uma busca por certo equilíbrio de gênero e localização geográfica. “Mas, acima de tudo, a qualidade do texto. Eu sabia que estava diante de excelentes ficcionistas e que estavam se divertindo ao escrever suas narrativas”, exulta.

Para Bruno, coletâneas temáti-

cas são importantes. Em relação aos contos presentes no livro, garante que são bons textos e contos excelentes. “É claro que há sempre um ou dois que se destacam pela inventividade e pela escolha do autor com a linguagem. Mas, de maneira geral *Torturas de Amor* é uma ótima coletânea de contos”, assegura.

Bruno entende que a literatura brasileira contemporânea, de maneira geral, é muito boa. Em todos os gêneros. “O que falta mesmo é uma projeção maior de repercussão internacional e um aumento do número de leitores. Mas a ficção brasileira é excelente”, observa.

O livro *Torturas de Amor* tem 130 páginas e está sendo vendido no site da editora à R\$ 37. O livro já foi lançado em Campina Grande no mês de julho e no dia 3 de setembro, reúne parte dos autores em noite de autógrafos em João Pessoa. Enquanto o dia não chega, você pode ir agora na vitrola, colocar “É impossível acreditar que perdi você”, com Márcio Greyck, e ler o seguinte trecho do conto de Roberto Menezes:

“Ontem sonhei. Eu não tinha mãos. Eu não tinha pés. Eu não tinha braços. Eu não tinha pernas. Eu não tinha boca. Eu não tinha nariz. Eu não tinha olhos. Eu não tinha pau. Neste meu sonho de ontem, eu tinha um saco, um par de testículos que pesava uma tonelada e coçava.

Quando acordei desse sonho, num movimento mecanizado, pensei em levar não só uma das mãos, mas as duas em auxílio ao meu saco querido. E digo mais, o foco mental que brotou logo após acordar vindo da urgência em socorrer o meu saco foi tão intenso que tensionei os meus pés na mesma direção. E minhas pernas e minha boca e meu nariz e meus olhos. Mas nem precisei de tanto esforço. Quando acordei minhas duas mãos já estavam lá. Não sei desde quando minhas unhas coçavam o meu saco precioso. É certo que eu tenha acordado por esse motivo, a pele do meu saco estava em carne viva. Ao me ver naquela situação, parei de coçar na mesma hora”. ✦

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Publicou 11 livros, sendo quatro de poemas. Entre eles, *“Os zumbis também escutam blues”* e *“Metáforas para um duelo no sertão”*. É repórter do Correio das Artes e mestre em Ciências da Religião.

No fim

Débora Ferraz

Especial para o *Correio das Artes*

No final da história, eles ficam juntos. Ainda que pra isso tenham que, primeiro, passar um tempo sozinhos. Ainda que, com isso dito, logo no topo da página, fiquemos sabendo que o fim não é a coisa mais importante. Que o fim de algo, não é o fim de tudo e que, ao fim do texto, fiquem ainda: dois personagens sozinhos. Porque, sim, se o texto começa no fim, com eles juntos, e tudo dando certo, é claro que termina no começo, quando algo dá errado e eles ficam separados.

Por enquanto o texto prossegue: ficam juntos. Isso não é tão óbvio quanto dizer que o fim da vida profissional bem-sucedida dele, de bancário, é um convite para a aposentadoria precoce, ainda com a possibilidade de continuar lá, trabalhando, ganhando em dobro e pagando com conforto os remédios da velhice. Serão necessários muitos remédios. Sim. Quando forem velhos, os dois, e estiverem com problemas de coração, de pressão arterial, de fígado. Tem isso, no fim: as dores, os remédios, a aposentadoria.

Ele mesmo pode dizer como vê o fim da história: no banco, os colegas fazem piada dele. Um dos gerentes, o mais gente boa, por sinal, terá um número de imitação dele, com essas pausas irritantes que faz quando fala, com aquela mania de demorar demais pra contar uma história, de contar três com o mindinho o anular e o médio (enfim, coisas que eram até engraçadas na juventude, que ela gostava, mas tudo, tudo, é ampliado pela idade até ficar irritante) que faz todos os outros colegas rirem. “Aquele velho farsante”- ele diz- “que fica aqui, escorado, no banco.

Finge que trabalha e a gente finge que acredita”- E ele bem que está certo, ele diz. Porque, entre os funcionários, eu estou naquela ala dos que só se escoraram ali porque não serviam mesmo pra muita coisa de útil no mundo. Sim, e porque ele tinha que bancar um apartamento maior para ficar junto com a mulher que queria, para criar um cachorro.

Mas é claro: antes disso era preciso convencê-la disso, de sair do próprio apartamento, de comprar um apartamento maior que coubesse os dois. Precisamos, então, voltar ao longínquo e passado ano de 2014. 2014 foi o grande ano em que o funcionário em questão precisou decidir onde moraria. E como moraria. Eram tempos engraçados, aqueles, construíram muitos prédios e o mundo se dividia entre os que compravam apartamentos e os que se irritavam com o barulho das obras. Enfim, foi também neste ano, lá no passa-

do, que ele foi para o apartamento dela. Um apartamento muito pequeno que deixou os dois meio sufocados, gerou brigas. E num dia desses, de 2014, ele resolveu dar um ultimato: tirou as coisas de casa, e essa mudança... Mas aí, e essa parte, não sabemos explicar o porquê, dependia do que Samara, a dona do apartamento pequeno, achasse da ideia.

Então se ela, a dona do apartamento pequeno e das tatuagens, diz que não, que não acha nada disso bom, nem conveniente, nem adequado, nem possível, voltamos para o futuro e tudo muda. De repente, esse cachorro já não existe. Você não pode comprar um cachorro sem ter onde criá-lo. É um daqueles nós narrativos, este, em que um personagem pode mudar o futuro. É isso: Se ela decide que não, volte ao começo. Não há nenhum cachorro, nem apartamentos. E ele é só um cara que tomou a decisão errada.

E ela, o que acontece com ela, ele não sabe. Nesse futuro, não tem notícias dela há anos. Só teve uma vez a impressão de tê-la visto, na rua. As tatuagens... tem a impressão de ter reconhecido as tatuagens. Mas, então, ela entra no ônibus, o ônibus. É isso: mais um cara constrangedoramente correndo atrás de um ônibus que já partiu enquanto todos disfarçam o riso. 



Débora Ferraz é jornalista e escritora. É autora do romance 'Enquanto Deus Não Está Olhando' (Record, 2014), vencedor do Prêmio Sesc e do Prêmio São Paulo de Literatura. Nasceu em Serra Talhada (PE) e mora atualmente em João Pessoa (PB).



Wyler

das 40 tomadas

Qual o meu primeiro contato com a obra fílmica de William Wyler? Acho que foi com *A Princesa e o Plebeu*, que é de 1953, mas que deve ter chegado por aqui anos depois. Lembro que, ainda garoto, o vi no Cine Sto Antonio, em Jaguaribe, e, sem saber quem era o diretor, ou melhor, sem saber sequer que filmes eram dirigidos, me encantei com essa história de conto de fada.

Mais tarde, outros filmes de William Wyler (1902-1981) foram chegando: *Horas de Desespero*; *Sublime Tentação*, *Da Terra Nascem os Homens*; *Ben-Hur*... e, já crescidinho, fui me familiarizando com a ideia de que um filme tem um autor, e que o autor daqueles era William Wyler.

Quando comecei a ler crítica de cinema, fui informado que Wyler, por bom que fosse, não passava de um artesão, sem envergadura pessoal para ir além do artesanato. Na época, sem critérios para julgar, aceitei a informação sem questionamentos.

William Wyler, de filmes como 'A Princesa e o Plebeu' e 'Ben-Hur': perfeccionismo era a maior característica do diretor

Mas não aceitei-a por muito tempo. Bastou, algum tempo depois, o acesso à quase totalidade de sua filmografia para que eu começasse a discordar do que lera nos jornais.

Com efeito, quem fez filmes como *Fogo de Outono* (1936), *Jezebel* (1938), *O Morro dos Ventos Uivantes* (1939), *A Carta* (1940), *Pérfida* (1941), *A Rosa da Esperança* (1942), *Os Melhores Anos de Nossa Vida* (1946), *Tarde Demais* (1949), *Chaga de Fogo* (1951) *Infâmia* (1961), *O Colecionador* (1965) – além dos citados anteriormente – decididamente não era um mero artesão.

Hoje todo mundo sabe que William Wyler é um grande cineasta, um dos maiores do século 20, que detém um estilo todo seu, e um estilo forte, tão forte que soube driblar e se impor às demandas financeiras dos estúdios, em uma Hollywood opressora. Vejam que até numa superprodução, *Ben-Hur*, concebida para salvar a MGM da falência, seu estilo pode ser divisado.

Na verdade, a maior característica do fazer cinematográfico de William Wyler foi o perfeccionismo, e quem trabalhou com ele – atores, atrizes e técnicos – dão esse testemunho. Não é sem razão que, nos bastidores da época, ele era apelidado de “40 take Wyler” (“Wyler das 40 tomadas”), pois este era, em média, o número de tomadas que ele costumava fazer de uma mesma cena, para poder, no final, escolher a melhor, a mais perfeita.

Foi ele também um grande diretor de atores, em alguns casos, lhes ensinando a diferença entre

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



imagens amadas

► atuar no teatro e atuar no cinema – fato confessado por profissionais que vinham da ribalta, como Laurence Olivier e Vivien Leigh. Mas se suas angulações, suas montagens e, especialmente seus closes de rostos eram extremamente expressivos, um mérito a mais foi o emprego da ‘profundidade de campo’ que ele, junto como o fotógrafo Greg Toland, aperfeiçoaram ao longo dos anos 1930, ou seja, bem antes do *Cidadão Kane* de Orson Welles. Isto parece um detalhe técnico mas, nas mãos de Wyler, não era: esse aprofundamento do espaço vinha ao encontro de um aprofundamento temático por poucos conseguido. Uma outra habilidade sua, reconhecida pela crítica mais moderna, estava em saber, como ninguém, transpor para a tela obras literárias que, nas suas versões cinematográficas, ganharam apelo popular, sem perder a qualidade original.

Em 45 anos de carreira (de 1925 a 1970), William Wyler dirigiu – se contados os curtas do período mudo - 73 filmes. É esperável que numa carreira tão longa – quarenta e cinco anos - vão se encontrar, no meio das obras-primas, filmes menores, irrisórios e, porventura, esquecíveis – fato que acontece com qualquer cineasta.

No seu caso, pode se dizer que os grandes filmes superaram, em quantidade, os menores. Que o diga a frequência de suas premiações. Tendo sido indicado como melhor diretor nada menos que 12 vezes, recebeu Oscar por *Rosa da Esperança* e *Os Melhores Anos de Nossas Vidas*, além de, em 1966, um Oscar honorário pela carreira. Com relação ao elenco, sua lista de indicações/premiações bate recorde: de seus filmes saíram 36 indicações para melhor ator ou atriz, com 14 premiações.

Mas, enfim, como só uma análise extensiva daria conta de todos os elementos que estruturaram o estilo e revelam o talento de William Wyler, aqui me limito a reproduzir os resumos de quatro leituras minhas – publicadas alhures - de quatro de seus filmes da chamada Era Clássica.



Merle Oberon e Laurence Olivier em 'O Morro dos Ventos Uivantes': uma das mais arrebatadoras histórias de amor já contadas ganha dimensão fantasmagórica no filme de Wyler

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES (1939)

O romance da inglesa vitoriana Emily Brontë, *Wuthering Heights*, eu o li há muito tempo e não recordo os detalhes, sequer o desenlace. Quem me faz lembrar parte dele é o filme homônimo de William Wyler, em português, *O Morro dos Ventos Uivantes*, que agora revejo em formato eletrônico. Sem dúvida, a estória de amor entre Cathy e Heathcliff é uma das mais arrebatadoras já contadas, em papel ou película, com o agravante de que os seus elementos góticos a tornam ainda mais assombrosa e, porventura, inesquecível. ►

imagens amadas

► Como o passante dessa mansão decadente, na Inglaterra do século 19, você pode não acreditar em fantasmas, mas a fabulação exige essa crença que põe o casal protagonista, entre urzais e charneças, perpetuando o seu amor pós-tumular nas íngremes escarpas de Yorkshire.

Acho que vocês lembram do grosso do enredo do filme, não é? Cathy e o irmão Hindley são pequenos quando o pai, o Sr Earnshaw, traz um dia para casa esse menino cigano, sujo e selvagem, chamado Heathcliff. Eterna será a antipatia entre Hindley e Heathcliff mas, em compensação, eterno será também o amor, brotado na infância, entre Cathy e seu irmão adotivo. Quando o Sr Earnshaw morre, Heathcliff, por determinação de Hindley, é rebaixado à condição de servil, que ele aceita somente para não afastar-se de Cathy, a qual, por sua vez, deslumbrada com o mundo elegante da vizinhança, espera de Heathcliff uma mudança de comportamento.

A mudança vem tarde demais, e quando, muitos anos adiante, Heathcliff retorna de uma longa viagem à América, onde fizera fortuna, vai encontrar Cathy casada com o aristocrático Edgar Linton. A irmã de Edgar, Isabella, é quem se apaixona pelo agora rico e charmoso Heathcliff, porém, este não pensa em ninguém que não seja a sua Cathy de sempre. É claro que, na condição de casada, ela o rejeita, mas, quando adoece, e ele acorre a seu leito de moribunda, ela, delirante, renova todos os votos de amor. Se o romance não, o filme termina em dimensão fantasmagórica, quando a alma penada de Cathy vem buscar o seu amado Heathcliff e os dois passam a assombrar os morros uivantes de Yorkshire.

O tema prevaiente é, sobre-naturalmente, o da paixão que vence a morte. Embora rodado nos arredores de Los Angeles, o filme foi produzido com capricho pelo executivo Samuel Goldwin e, em todos os níveis, reconstitui muito bem a atmosfera gótica do romance, cuja roteirização ficou

a cargo da excelente dupla Ben Hecht e Charles McArthur. A fotografia - um elemento chave em um filme de atmosfera - ficou com um dos melhores de Hollywood, o mestre da luz Gregg Toland.

O diretor William Wyler, na época em plena ascensão, fez uma carreira brilhante e não há dúvidas de que este é um dos seus melhores trabalhos, ainda hoje reconhecido pela crítica revisora. Aprendendo com Wyler a atuar diante das câmeras (segundo depoimento pessoal), o até então ator dos palcos londrinos Laurence Olivier encarna um Heathcliff impressionante, embora - reclama a crítica - a bela Merle Oberon não empolgue muito como a atormentada Cathy. De fato, é possível imaginar que show teria dado nesse papel, por exemplo, a insuperável Olívia de Havilland, não estivesse ela ocupada, fazendo a sua parte num filme do mesmo ano, *...E o Vento Levou*. Por falar nisso, *O Morro dos Ventos Uivantes* teve sete indicações ao Oscar e, com certeza, só não levou o de Melhor Filme porque o concorrente era justamente *...E o Vento Levou*.

de *Casablanca* e sem o empenho comercial de *... E o Vento Levou*, todos mais ou menos contemporâneos seus, *Pérfida* é um belo exemplo do bom cinema americano que, ao seu tempo, chegava às telas brasileiras sem nenhum alarde e era visto pelas plateias distraídas e apressadas da época que gostavam, curtiam momentaneamente porém, logo em seguida, o esqueciam, sobretudo porque, sem critérios distintivos, confundiam-no mais tarde com as irrelevâncias que tinham visto na semana anterior e na seguinte - os itens dos 900 produzidos e distribuídos. De fato, se trata de um filme simples, mas que simplicidade cativante!

Tudo começou décadas atrás quando a escritora Lillian Hellman ainda era uma mocinha e namorava o consagrado Dashiell Hammet. Eles estavam morando numa casa de praia isolada quando ela tomou coragem para pôr no papel, as conflituosas cenas familiares de sua Louisiana de origem. Incentivada por Hammet, testou os empresários da Broadway e logo a peça *The Little Foxes* seria um sucesso de público e crítica que influenciaria o grandão de Hollywood, Samuel Gold



Bette Davis em *Pérfida*: um filme simples, mas que simplicidade cativante!

PÉRFIDA, 1941

Dentre os cerca de 900 filmes que Hollywood levou às telas do mundo no ano de 1941, estava o especialíssimo *Pérfida* (*The Little Foxes*), de William Wyler. Sem a revolução semiótica de *Cidadão Kane*, sem o apelo mitológico

imagens amadas

► win. Comprados os direitos para a tela, a equipe da produção optou por não fugir muito à peça, contratando a própria Hellman – ainda bem! – para fazer o roteiro do filme e parte do elenco da Broadway para interpretá-lo, as exceções tendo sido Bette Davis, que afinal de contas está estupenda na encarnação da impressionantemente maquiavélica Regina Hubbard Giddens, e a jovem novata Teresa Wright, que também está ótima no papel da filha, a desafortunada Alexandra. Para sorte de Hellman, o fotógrafo escolhido foi Greg Toland e o diretor, o mestre William Wyler.

Como sempre, a intitulação brasileira é um desastre, pois a decidida e taxativa protagonista está muito longe de ser “fingida”. Em sentido oposto, as “pequenas raposas”, do título original, são uma referência bíblica aos egoístas e ambiciosos que não hesitam em, descaradamente, estraçalhar o próximo para conseguir seus objetivos, na estória de Hellman, os três irmãos Hubbard, aí incluída Regina. Embora a própria Hellman tenha efetuado modificações que julgou apropriadas à linguagem e às convenções do cinema (por exemplo, inventou um subplot amoroso para Alexandra), Wyler basicamente respeitou a qualidade teatral da obra, filmando quase tudo no interior, ou em torno da mansão dos Giddens, no caso, o cenário da peça.

Mas claro que aquelas coisinhas em que Wyler sabia ser extremamente “virtuose” e brilhante, a saber, os enquadramentos sugestivos, os movimentos de câmera adequados, os cortes nos momentos convenientes, e a sensata distribuição dos

atores no quadro, tudo isso, ajudado pela fotografia em profundidade de campo de Toland, criando um sentido sutil de ritmo, dá a *Pérfida* a sua qualidade fílmica.

ROSA DA ESPERANÇA, 1942

Que bom poder rever esse *Rosa da Esperança* (*Mrs Miniver*) que o grande William Wyler dirigiu, para a MGM, em 1942, como parte do esforço americano de apoio à luta contra o nazismo, então espantosamente emergente.

Desse filme, Churchill teria dito que fez mais pelo esforço de guerra do que toda uma frota de destróieres. Se fez ou não, o filme foi um sucesso que deu seis Oscar à equipe: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Atriz Principal (Greer Garson), Melhor Atriz Coadjuvante (Teresa Wright), Melhor Fotografia (Joseph Ruttenberg) e Melhor Roteiro.

Aos jovens de hoje, *Rosa da Esperança* deve parecer datado, talvez incomodamente datado. Conta a estória dessa família inglesa classe média que leva sua vidinha perfeita até ser obrigada a lidar com as imperfeições da guerra, quando os nazistas dão início aos bombardeios em Londres.

Na longa exposição (primeira

das três partes do clássico roteiro hollywoodiano), nada acontece entre os Miniver, salvo futilidades: a mulher compra um chapéu extravagante, o marido adquire um carro caro, o filho chega da universidade com ideias esquizofrênicas etc. O conflito que faz qualquer enredo ir para frente só aparece 40 minutos de projeção decorridos, quando o padre, na igreja, anuncia que o país declarou guerra à Alemanha e, por questão de segurança, encerra o culto religioso. A partir daí os Miniver vão experimentar de perto os efeitos de uma guerra cada vez mais próxima. O filho se alista como piloto e o pai é convocado para o famoso bloqueio de Dunquerque, enquanto a mulher, só em casa com as crianças, se depara com um soldado nazista que aterrissara no seu jardim.

Porém, não se trata de um filme de ação, e os efeitos da guerra, se cada vez mais ameaçadores, serão mais psicológicos que de outra ordem. Não testemunhamos Dunquerque e não pilotamos aviões com o jovem piloto da família. Única presença física do inimigo, o soldado alemão na casa dos Miniver, é pouco ativo e a cena com ele é quase que só emocional. Durante os bombardeios, por exemplo, quando a família se abriga no porão da casa, tudo que se tem são sons e reflexos de luz. Entre um lampejo e outro, vemos rostos apavorados, mas o que ouvimos com ênfase são os estrondos das bombas que caem lá fora e destroem a residência da família.

Mais tarde, na cena do carro parado na estrada, com a Sra Miniver e sua nora debaixo de um céu repleto de aviões inimigos, os recursos expressivos serão os mesmos: quase que só sons e reflexos luminosos. O que não quer dizer que o resultado emocional não seja grande.

Como em toda a obra de Wyler, estamos diante de um filme “diegético”, ou seja, um filme onde todo o trabalho da câmera resulta propositalmente invisível, porque foi pensado para fazer – só isto e mais nada – as três coisas básicas que tornam um filme consumível: descrever bem o espaço ficcional, desenvolver com lógica o enredo e acentuar as emoções do drama. Eu ►

Diegético: 'Rosa da Esperança' venceu seis prêmios Oscar e surgiu como parte do esforço americano de apoio à luta contra o nazismo





Tarde Demais: neste filme estrelado por Montgomery Clift e Olivia de Havilland, Wyler soube desenvolver a qualidade da peça, sem ser teatral

- ▶ disse “só isto e mais nada”? Ora isto já é o suficiente para envolver o espectador e fazer a magia da chamada Hollywood clássica.

TARDE DEMAIS, 1949

Algum tempo atrás, a televisão paga andou fazendo uma homenagem ao ator Montgomery Clift, mostrando, em noites consecutivas, três dos 27 filmes em que atuou. Selados em vídeo ou exibidos na TV convencional, *Um Lugar ao Sol* e *Rio Violento* são bem conhecidos do público, de modo que a grande novidade mesmo foi esse *Tarde Demais* (*The Heiress*, 1949), de William Wyler, apenas exibido por aqui na época de sua estreia e, que eu lembre, nunca reprisado.

O filme é baseado no romance *Washington Square* (1881) do mago do ponto de vista Henry James, mas isso, já diluído pela versão para o teatro que, nos anos 1930, lhe fizera a dupla Ruth e Augustus Goetz, por sinal, um sucesso de bilheteria na Broadway por muito tempo.

Ao decidir rodar o filme, o mestre William Wyler sabia que ia lutar menos com o romance que com a peça, mais conhecida das plateias americanas, e certamente por isso, convidou para roteirizá-lo os próprios autores da peça que, desvencilhando-se das digressões literárias

de James, tanto haviam investido na dimensão dramática da estória.

Na provinciana Nova Iorque de 1840 vive a reduzida família Sloper: o renomado médico Austin Sloper (Ralph Richardson) e sua filha Catherine (Olivia de Havilland), uma mocinha sem charme que o pai, viúvo, não se cansa de, desfavoravelmente, comparar com a encantadora e inteligente esposa falecida. Descambando para o caritô – no contexto do filme, para o tricô – essa insossa e recalçada Catherine faz seus tímidos esforços para conquistar o sexo oposto, esforços estes sempre seguidos de fracassos a que ela, humildemente, vai se habituando. Nos bailes da cidade, os jovens instados a dançar com ela, sempre dão um jeito de ir atrás de um copo de licor, e não voltam mais.

De repente, há um que volta. Trata-se do pobretão Morris Townsend (Montgomery Clift) que – saberemos logo cedo – está informado da herança da moça e se empenha em conquistá-la para ganhar o baú. O pai percebe tudo de imediato, mas claro que a filha apaixonada, não. Sogro e genro virtuais têm um entrevero, e aí Catherine é, à força, conduzida à Europa em longa viagem que mais incrementa o seu amor. No retorno, o pai é obrigado a abrir o jogo com a filha, lhe fazendo, para demonstrar a ambição

do rapaz, uma descrição crua e fria de sua (dela) absoluta falta de atrativo... salvo a habilidade de tricotar. Sentindo-se odiada pelo pai, e odiando-o, ela propõe ao rapaz fugirem juntos naquela mesma noite, ainda que – enfatiza – o pai a destitua da herança. Sem herança à vista, o rapaz cai fora da jogada e a partir desse dia, Catherine nunca mais será a mocinha ingênua de antes: de repente, vemos crescer diante de nossos olhos, uma mulher madura, amarga e cruel, capaz de trucidar o próximo sem o mínimo lampejo de humanidade.

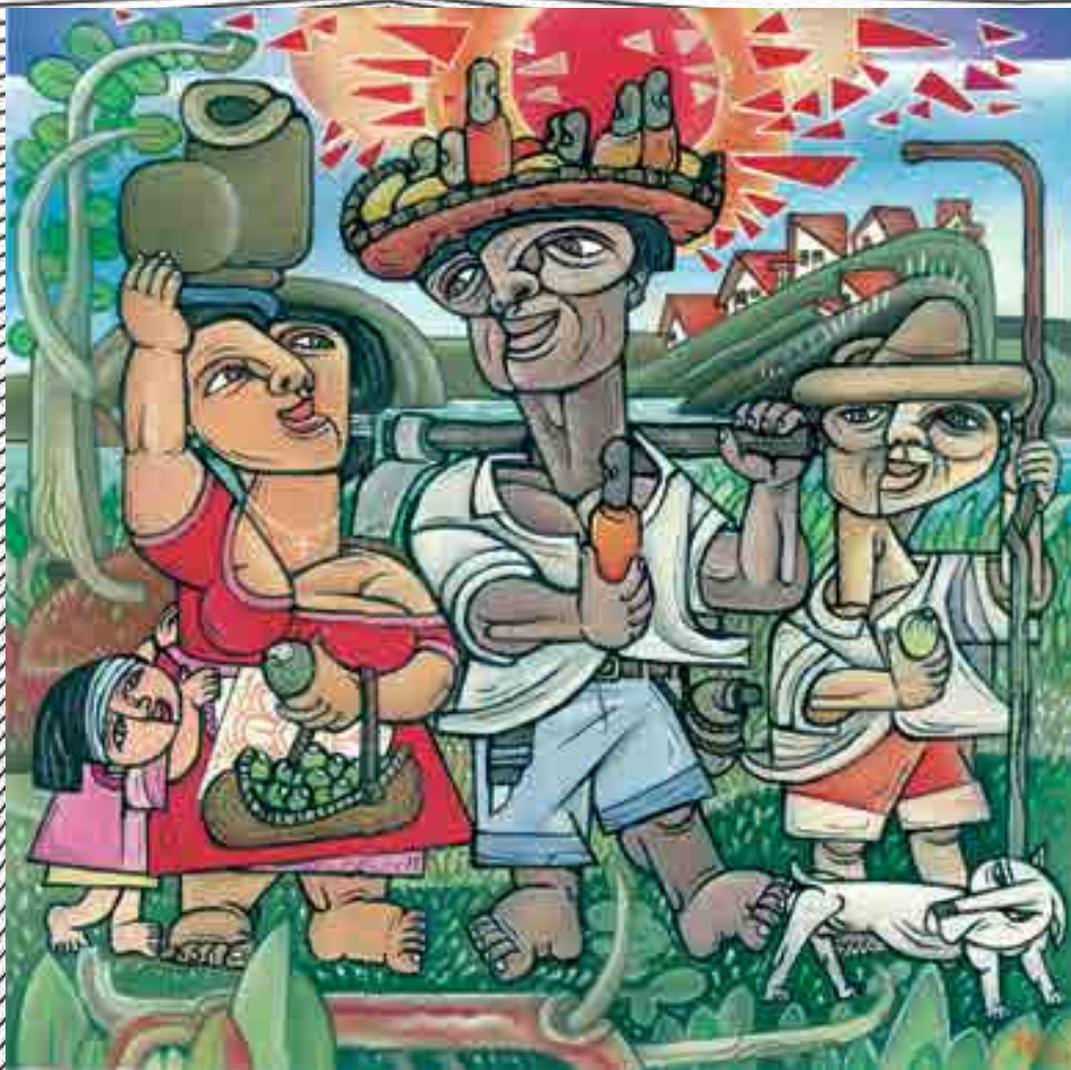
Um dos grandes méritos no filme de Wyler é haver desenvolvido a qualidade dramática da peça adaptada, sem nunca, em momento algum, ser teatral. De fato, temos aqui um daqueles momentos em que o cinema fala sua própria linguagem e se interpõe às outras modalidades de arte (no caso, literatura e teatro) com uma especificidade inconfundível.

Sem chamar a atenção sobre si mesmos, enquadramentos, angulações, movimentos de câmera, montagem... nos fazem, em seu mágico conjunto, esquecer as fontes literárias e teatrais do original para mergulharmos nessa impressionante estória de degradação espiritual. Nisso ajuda um bocado, claro, as interpretações, favorecidas pelas possibilidades técnicas do cinema, inviáveis na ribalta.

Basta acompanhar os muitos e geniais closes do rosto de Olivia de Havilland, testemunhos sutis da dolorosa transformação de sua personalidade ao longo da estória: com efeito, a Catherine do final parece ser outra mulher, sem mais nada da boa fé da filha e noiva devota, e contudo, estamos convencidos de que a metamorfose foi – se o termo for este – natural.

Enfim, parodiando o título português do filme, seria o caso de se dizer que nunca é tarde (demais) para rever um grande clássico. E menos ainda para rever toda a obra fílmica de William Wyler. ■

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



TÔNIO

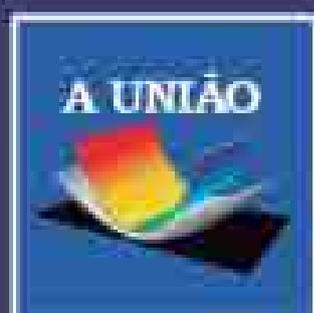
Óleo sobre tela assinado pelo artista Tônio retrata o retorno de uma família de agricultores para casa depois de um dia de trabalho. A obra integra uma série de dez pinturas regionalistas que o artista paraibano produziu neste ano de 2019.

Na série, destacam-se as cores fortes, os traços simétricos, a temática regionalista (homem do campo, animais, carro de boi etc.) e a influência explícita que a arte naïff exerce sobre o trabalho de Tônio.

Antônio Gonçalves de Sá nasceu no município de Santa Rita (PB), região metropolitana de João Pessoa, há 67 anos. Com mais de 50 anos de carreira dedicada às artes visuais, Tônio tem uma vasta obra calçada na arte figurativa. Coleciona obras em nanquim, óleo sobre tela e aquarela.

Atuando há mais de 40 anos na EPC (Empresa Paraibana de Comunicação), seus desenhos e pinturas estão impressas em centenas de edições do jornal **A União** e dezenas de números do *Correio das Artes*. São ilustrações, tiras, quadrinhos e caricaturas que dão vida a crônicas, contos, poemas, ensaios e matérias jornalísticas.





126
Anos

Fazendo história desde 1893

O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do Mundo. São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 126 anos de história.

Fale com A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6544
comercialauniaopb@yahoo.com.br
publicajornaluniaogmail.com

Peça o seu orçamento (83) 3218.6525
orcamento.auniaogmail.com

Sugestão de pauta? (83) 3218.6539
uniaogovpb@gmail.com

Diário Oficial (83) 3218.6533
wdesdiario@gmail.com

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518
circulacaoauniaopb@gmail.com

Publicidade Legal (83) 3218.6526
comercialauniaopb@yahoo.com.br



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia do GH e GPS

Dependente

- CPF do Comerciário
- RG
- CPF (até 05 dependentes de 2008)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão do Casamento (Cônjuge)

Conveniado

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCE SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

Informações: www.sescpb.com.br | (83) 3208.3162